BOUND TO PLEASE
Catulo da Paixão Cearense
Meu Sertão
A CASA DO LIVRO

MEU SERTÃO

CATULO DA PAIXÃO CEARENSE

MEU SERTÃO

15.ª EDIÇÃO

A CASA DO LIVRO LTDA.

Rua da Quitanda 27, Rio

NOTA DO EDITOR

EM OUTROS LIVROS do poeta, o leitor encontrará outros muitos elogios de homens de ciência, de letras e de artistas, brasileiros e estrangeiros, pois o seu renome ultrapassou os limites da pátria. O poeta, antes de ser cantor dêsses poemas sertanejos, foi um afamado cantor de modinhas e um belo cultor do violão. Escreveu mais de seis livros de canções, que foram as delícias da geração passada. Essas canções, cantadas e acompanhadas por êle, fascinaram e seduziram os mais exigentes auditórios. Que o digam o príncipe Alberto de Oliveira e Múcio Teixeira, que o ouviram muitas vêzes em festas familiares e em serenatas, ao luar. Rui Barbosa, Pedro Lessa e muitos outros grandes literatos e homens de ciência, disseram um dia que o *Luar do Sertão,* conhecido em todo o mundo, era o Hino Nacional do coração dos brasileiros. Hermes Fontes, escrevendo sôbre cantadores e violonistas, afirmou que Catulo foi o civilizador das nossas modinhas. E, se na opinião de Rui Barbosa, o Catulo dos poemas é um *maravilhoso poeta,* na opinião de José do Patrocínio, que não lhe ouviu os poemas, mas só lhe ouviu as saudosíssimas modinhas, o Catulo do violão foi o *divino trovador* das saudosíssimas serenatas.

O Poeta Único do Brasil

Embora nessa época as suas canções já andassem por aí de bôca em bôca, quem primeiro falou, lá em casa, em Catulo da Paixão Cearense foi um compadre de meu Pai, por nome Luís Goulart — que nós chamávamos (não sei por quê) *Garrafa de Leite*... E foi êsse homem banal, gordinho, baixinho, que passava a semana a vender milho no Centro de Cereais, mas que morava na estação da Piedade e era vizinho do Bardo, quem no-lo trouxe à nossa casa na Rua do Riachuelo, êle, com o seu violão...

Nesse tempo, Catulo era tão-sòmente o que entre nós se qualifica, com tão injustificado pouco aprêço, "um fazedor e cantador de modinhas". Os seus livros, editados em papel de embrulho, tinham títulos popularmente modestos: *Cancioneiro Popular, Choros ao Violão*... Mas, se a sua poesia ainda se não impusera à admiração das nossas altas esferas sociais, já conquistara a popularidade das massas e empolgara o coração dos simples.

Papai, que era, sobretudo, um emotivo, tocado na sua sensibilidade, desde logo adorou-o. E houve uma festa, lá em casa, para "produzi-lo" aos poetas, aos literatos, aos músicos, aos artistas que, até então, *ainda* nos freqüentavam...

Nesse tempo, com raríssimas exceções, a nossa poesia continuava a ser, mais do que nunca, um decalque mais ou menos hábil do estro estrangeiro. O próprio Cruz e Sousa, que morrera de miséria, abraçado ao madeiro do seu orgulho e do seu gênio — embora tendo trazido à língua um nôvo ritmo e uma excepcional audácia de expressão — fôra (como muito bem disse, creio que o Sr. Vítor Orban) uma mentalidade germânica enxertada num negro pelo ensino miraculoso do sábio Fritz Muller...

As tentativas de "indianismo" de Gonçalves Dias tinham-se tornado obsoletas. O vulcão que Vítor Hugo descobrira no cérebro de Castro Alves extinguira-se.

A maviosa ingenuidade de Casimiro de Abreu esvaíra-se, "na flor dos anos", como um canto de "sabiá na laranjeira, à tarde..."

Desde o hugoano Pedro Luís Pereira de Sousa — quase sempre tão justamente esquecido entre os grandes nomes da nossa poesia — a inspiração e as idéias e os assuntos tratados pelos nossos poetas chegavam empacotados do exterior. E, naquele momento — em que, aliás, vivia e rimava o surpreendente B. Lopes — os nossos grandes poetas, entre outros de incontestável valor, como Luís Murat e Múcio Teixeira, eram, como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Emílio de Meneses, reflexos de Heredias e Lecontes, ou, como Raimundo Correia, reminiscentes de Heines e de Stechettis...

Brasileiro, positiva, sinceramente brasileiro — nada. Os "simbolistas", mesmo quando eram o inesquecível Mário Pederneiras, na *Agonia* ou nas *Rondas Noturnas,* nada tinham de nacional. Os "místicos", como êsse imortal Alphonsus de Guimaraens, podiam ter escrito em latim a *Câmara Ardente,* ou o *Septenário das Dores de Nossa Senhora*... Só Melo Morais Filho, tìmidamente, apagadamente, escrevia, no intervalo de duas receitas (porque era médico), coisas assim:

"À sombra de enorme e frondosa mangueira,
Coberta de flôres, da tarde ao cair..."

Foi quando Catulo da Paixão Cearense apareceu.

*
* *

E aquela noite, na Rua do Riachuelo, foi um triunfo — como devia ser. A poesia de Catulo da Paixão Cearense, apesar de ainda tôda confinada nas palpitações do coração e dedicada a glórias ou martírios de amor, era uma coisa completamente nova, estranha, surpreendente e, sobretudo, brasileira!

Tínhamos, enfim, diante de nós, um poeta!

E o que principalmente se requer do poeta é que êle seja um evocador. "Cada um de nós tem em si um exemplar de cada poeta que lhe agrada — exemplar que ninguém mais conhece e que conosco perecerá com tôdas as suas variantes, quando nada mais sentirmos..." — diz Anatole.

"Um belo verso é um arco que tange as nossas fibras sonoras. Não são os seus, são os nossos pensamentos que o poeta desperta, e revive em nós. Quando nos fala da mulher que êle ama, são os nossos amôres que êle canta e deliciosamente focaliza em nossa alma..."

Ora, o poeta que de fato nos produz tal emoção, não é o parnasiano, nem o simbolista, nem o penumbrista, nem nenhum dos outros desnaturadamente envenenados de literatura. É aquêle em que as grandes emoções singelas do homem se concretizam nessa ingente aspiração de harmonia, que já entre os trogloditas desabrochara nos primeiros ritmos guerreiros ou religiosos, a princípio apenas emulativos das caminhadas nômades da tribo, e, por fim, sensual, volutuoso, dolente, nas fases perturbadoras e sentimentais do cio... É o Trovador.

Mas um Trovador é fruta rara — sobretudo no nosso ambiente de *dilettanti*, em que as manifestações de Arte raramente explodem de um instinto inato e irreprimível, e são quase sempre uma manifestação de esnobismo, ou um meio de aparecer, com o fim de alcançar renome e conquistar posições.

Catulo, porém, era um Trovador. Por isso mesmo, o que primeiro sentiu, o que primeiro realizou foi a modinha — "a modinha, que, como disse o nosso João do Rio (coitado!...), na *Alma Encantadora das Ruas*, é o nosso instinto bárbaro de independência e de maravilha no homem — que louva os deuses, incita à guerra, canta à mesa, chora desejos da carne..."

A modinha de Catulo tinha tudo isso, e tinha mais — para nós, brasileiros, tinha a evocação das selvas, dos eitos, das lavouras ancestrais, da nossa bucólica, do nosso sentimentalismo ingênuo e rude. Ah! que emoção, quando ouvimos o *Sertanejo Enamorado*, êsses versos virgilianos que todo o Brasil cantou e canta!

Na minha choça
Teu escravo sou até...
Tenho uma roça
E uma casa de sapé...
Foi para dar-te
Que a fiz.
Aqui vivo por amar-te,
Feliz...
Nela contigo serei
Mais que um rei!
Ai! mais que um rei

E, logo em seguida, numa só estrofe, dois sentimentos tão nossos, bem nossos — a confiança na vida que nos dão os dons da nossa natureza exuberante; o abatimento em que caímos, se nos fere a flecha sentimental da saudade:

Como eu sou rico,
Se floresce o cafèzal,
Nem sei...
Ah! como eu fico,
Se me cresce o milharal,
Sou rei...
Mas fico mudo
Sem ti...
Chora tudo, tudo, tudo,
daqui!...

E a Marta, evocando todo o drama sombrio das senzalas da escravidão, e todos os outros temas imprevistos, singelos, verdadeiros, dos poemas que êle pautava dentro da nossa música, que Bilac, numa das suas raras expressões felizes, disse ser "lasciva dor, beijo de três saudades, flor amorosa de três raças tristes..."

Sim, Catulo era uma poesia inteiramente nova, e inteiramente brasileira, empolgante, espontânea, verídica, expressando-se, enfim, na *nossa* língua, sem temer grafar os brasileirismos da sintaxe que estamos criando, sentindo, exprimindo, encarnando a nossa verdadeira alma, indolente, combativa, rude, sentimental, impulsiva, obstinada, que se está filtrando num tipo definitivo, lá, muito longe do litoral cosmopolita, no caldeamento da nossa mestiçagem. E, por isso mesmo, destinado a empolgar, como empolgou, a comover, como comove, a vencer, como venceu.

*
* *

É possível, entretanto, que, em tôda a sua obra, as modinhas de Catulo me impressionem tanto, até hoje, porque as ouvi, um pouco depois daquela noite, durante dois anos, à cabeceira da cama em que Papai agonizou.

Catulo foi o sabiá dêsse ocaso. Quase tôdas as noites batia à porta do casebre em que — *vanitas vanitatum* — o "Herói da Abolição" ia morrendo aos poucos, esquecido, apagado, sòzinho... Acolitavam-no mais dois ou três boêmios, "irmãos da opa", corações de ouro, como êle, artistas: o Irineu, *oficlide,* um mulato gordo, que quando tocava, fechava os olhos empapuçados, de que lhe escorriam lágrimas de emoção; o Luís de Sousa, pistão, que do agudo instrumento tirava sons de flauta e de violino, e o famoso Mário Cavaquinho... E Catulo cantava!

Catulo cantava... Era uma cigarra, embalando outra cigarra "na tormentosa estação"...

Passa o vento do outono,
Uma prece a gemer!...

Ah! essa modinha de que êle já não se lembra, e de que tantas vêzes lhe tenho falado! Como ela me ficou gravada no coração!...

As fôlhas que o sol do estio amarelecera e crestara jaziam caídas sob a ramaria da floresta. Vinha o outono. O vento erguia-se e soprava. E as pobres fôlhas murchas valsavam, tresmalhadas, desorientadas, perdidas, ao léu...

Assim como ides, fôlhas,
Irão os sonhos meus..

A noite passava, Papai ouvia com os olhos rasos de água. Êles iam-se embora, continuando a cantar e a tocar na rua deserta...

Sois a imagem da vida,
Pobres fôlhas, adeus!....

*
* *

Depois que Papai morreu, longos anos Catulo e eu andamos separados. Êle, irradiando e crescendo para a Perfeição e para a Glória. Eu debatendo-me na rude e obscura labuta de escrevinhar para as gazetas o corriqueiro "dia a dia". Êle, cada vez mais irmanado e identificado com a beleza e a grandeza do Brasil. Eu, vagabundo, por terras alheias, freqüentemente em contacto com as alheias misérias, com os hospitais, com a cadeia... Êle, erguendo-se cada vez mais, ao sol dos trópicos, como a palmeira, cujo caule, ereto e nu é um círio votivo, emergindo do seio da nossa terra ante a Divina Onipotência, e cujas fôlhas jaldes da sua fronde são a chama verde da nossa esperança. Eu, como a fôlha amarela, caída sob a ramada triste, que o vento do outono enxota e leva por aí...

Verde... amarelo...

De entre todos os plumitivos brasileiros, sou, por conseqüência o menos autorizado para interpretar e dizer sôbre a obra, já tão vasta e sempre maior, de Catulo da Paixão Cearense, mòrmente quando já a consagraram nomes como os de Rui Barbosa, de Pedro Lessa, que a citou numa sessão do Supremo Tribunal, como a do Padre João Gualberto, que a interpretou numa das conferências na Catedral do Rio — como nos diz, prefaciando *O Evangelho das Aves,* Mário José de Almeida, espírito de fulgor e de eleição, que todo êle se retrai e recolhe em si mesmo, como a sensitiva, no temor do contacto amesquinhante da literatice nacional...

Catulo quis, entretanto, que algumas linhas do meu punho precedessem os poemas dêste livro, que intitulou *Meu Brasil.* E, se falece tôda autoridade ao prefaciador dos presentes versos do grande Bardo, ninguém mais do que êle tem direito de dar a um livro o título que a êste deu.

*
* *

A obra de Catulo da Paixão Cearense são as canções de gesta do Brasil contemporâneo. Nos seus versos imperecíveis êle tornou a descobrir a Pátria, e começou a ensinar-nos a amá-la. Até que êle aparecesse (e mesmo depois...), quase todos pensávamos sôbre nós mesmos o que êsse fulgurante e cruel espírito, que é Monteiro Lobato, disse de Jeca Tatu...

Mas Catulo vem-nos dizer a pujança e a energia da raça, cantando a arrancada dos vaqueiros; o orgulho generoso do nosso sertanejo, que manda bater na "estrêla da testa" do cavalo encantado que lhe tinham roubado, para que os matungos não desonrem o seu velho companheiro, capturando-o cavalgado pelo ladrão; a pureza dos seus sentimentos, quando, tendo à sua mercê, na choça solitária, a cabocla adorada, e sentindo ferver as tentações

da carne, põe entre o seu e o corpo dela, estirado na mesma enxêrga, o velho crucifixo familiar.

E é a *Terra Caída*, com a sua estupenda beleza descritiva; e é o *Marroeiro* e o *Velho Marroeiro*, com uma profunda filosofia, revestindo-se de admiráveis imagens, como a da lagoa e o coração da mulher — *varium et mutabile semper*, como concorda Virgílio... É, finalmente, êsse litúrgico *Evangelho das Aves*, uma lenda do sertão, transformada em apólogo bíblico, e tratada em versos de inexcedível fluência, de insuperável espontaneidade musical — como, aliás, são todos os versos de Catulo.

Mas para que citar ainda? De resto, fôra preciso citar cada poema, cada verso, talvez, da sua obra imperecível!

E que dizer mais também? Que tôda essa literatura regionalista desabrochada nestes últimos lustros é um reflexo do estro de Catulo? Que o encanto e a atração dos seus poemas têm sido um auxiliar incontestável e eficaz de emulação do nosso patriotismo e de difusão de cultura nas massas nacionais?...

Mas, senhores, Catulo da Paixão Cearense é um fenômeno tão excepcional nas letras nacionais, que a sua obra foi até hoje a única que, no idioma original, vadeou as nossas fronteiras e se tornou, de fato, conhecida, senão popular, em tôda a América Latina e em Portugal — que até então só tinha lido, do que é nosso, o Sr. Coelho Neto...

Não nos enganemos, pois: Catulo da Paixão Cearense é um dos maiores poetas nascidos no continente sul-americano. Na literatura brasileira só lhe são comparáveis Gonçalves Dias, Castro Alves, José de Alencar — os grandes bardos em verso e em prosa da nacionalidade. É o nosso pequeno Homero, que estará vivo, juvenil e pujante, quando de há muito já se tiver perdido a memória dos pigmeus, que por aí rimam consoantes e alinham períodos.

*
* *

Enfim, leitor amigo, perdoa-me, a mim, escriba obscuro e tão desautorizado, ter-te privado tão longamente de leres os primorosos poemas que êste livro enfeixa. Aliás, se fôste prudente, terás saltado, sem as ler, as páginas em que se alinha a minha prosa chilra...

Um prefácio a um livro de Catulo? Para quê? Dizer, no Brasil, quem é Catulo da Paixão Cearense? Para quê?...

Só se o Brasil nem sequer tem consciência do que em si é belo e grandioso...

Bois de Villemoisson (Seine-et-Oise), maio de 1928

JOSÉ DO PATROCÍNIO, FILHO

(Patrocínio escreveu êste prefácio, 3 dias antes de falecer. Foi o seu canto de cisne).

A Catulo Cearense

(Espírito e Coração da Natureza Brasileira)

A TUA musa, já não mais só tua,
por ser lírica irmã da água da fonte,
que, de muito correr para o horizonte,
rola, por fim, no mar que a perpetua,

tanto apura a beleza, quando estua
nas vertigens de luz da tua fronte,
que a terra do Brasil faz que desponte
na glória virgem da beleza nua.

Primeiro trovador entre os primeiros,
o sol e a lua são teus dois tinteiros
de tintas velhas de esplendor tão nôvo!

Por isso, eternos, o teu estro encerra
o espírito de sol da nossa terra
e o coração de luar do nosso povo.

Rio, 8-10-1918

LUÍS CARLOS
(Da Academia de Letras)

Um Grande Poeta

... a poesia vem do amor.

CATULO CEARENSE.

NADA MAIS vulgar no Brasil do que um poeta; entretanto, é aqui bem rara a verdadeira poesia. Então poesia brasileira, "nossa", sentida, vivida, extremamente difícil de se achar no milheiro de livros de versos que se publicam anualmente.

É a poesia o gênio da juventude. Adolescência de homens ou de povos, tudo é um, será a causa da abundância. Como a idade da razão custa a chegar, tê-los-emos, felizmente, os poetas, por muito tempo, se não sempre. Quase nos podemos dispensar de fazer outra coisa. Neste ponto nos parecemos com a Grécia antiga, que fêz tudo em versos, anais militares, narrações de viagens, religião, até política... Também dela se disse que era a infância do mundo.

O que parecerá menos justificável é que os nossos sejam poetas estrangeiros. Foi Gonçalves Dias o nosso grande poeta lusitano. Anglo-saxônio era Álvares de Azevedo, até no "humour".

Os que chamamos românticos e parnasianos são franceses, pròpriamente de Paris. Alguns se presumem de atenienses; Camilo já arrolou assim o nosso Gonçalves Crêspo.

Foi e é a Europa a nossa aia, mestra, e por vêzes e ainda senhora, tanto que não admira sejamos todos europeus, peregrinos aqui nessa terra em que vivemos. A vida brasileira é fictícia. Sôbre um tronco indígena enxertaram planta exótica, que dá flôres e frutos de outros céus.

Dêles é a língua, são dêles as imagens e as idéias. Nem nos preocupa traduzi-las: vão, como nos vêm. Há certo livro de ciência, de douto e mestre, que começa: "O Brasil é um país da América Meridional"... Queria dizer, "do Sul". Meridional, de meio-dia, só é sul em França: o *midi* seria, aqui, lá para o norte; América Meridional é a do Centro. "Carvalhos" e "loureiros", "rouxinóis" e "cotovias" concorrem nas nossas comparações, em prejuízo de bichos e plantas natais. Nossas praças e jardins estão adornados de estátuas forasteiras: no Faroux treme um velho sob a neve, no Campo de Sant'Ana está uma bela mulher nua cercada de pâmpanos e parras, que pretendem ser inverno e outono no Brasil. Somos tão adventícios aqui, já reparou o nosso João Ribeiro, que indo ao outro lado do oceano, não "vamos" à Europa, "voltamos" à Europa.

Não o digo por censura, nem com pena. Assim é e deve ser. Apenas essa cultura estranha não se afêz bem à terra e isso tira à gente como que a naturalidade, nessa roupa de empréstimo, sem nossa medida, com resguardos incômodos, fora do nosso gôsto, na qual não nos sentimos a jeito. E sem espontaneidade, graça, naturalidade, não há arte. Dela a condição é a sinceridade.

Como nos sobram estímulos de vaidade, o gênio verbal da raça supre-a na eloqüência, a imitação contorna atitudes e expressões e nós conseguimos versos ricos, trabalhados, difíceis, de ritmos magníficos e rimas preciosas, talvez perfeitos versos, mas versos estrangeiros... em nossa língua que atormentamos por êles, para nossa gente que não divertimos com êles... Muitas vêzes, versos sem poesia. Quase sempre sem poesia "nossa", emoção sentida e vivida, no Brasil, por coração brasileiro, que se comunique por íntimas afinidades com a sua terra e nos traduza "seus" sentimentos e "suas" idéias.

*

* *

Ora, êste poeta que ides ler, que de nome conheceis, poeta cujos versos andaram na bôca do povo antes da letra de fôrma desta edição, como a Homero precederam os rapsodos, Catulo da Paixão Cearense, êsse é um poeta, que tem poesia, e poesia brasileira, nesses versos que escreveu, depois de os sentir e de os dizer. Não faço comparações. Digo apenas: Catulo Cearense é um grande poeta; é um grande poeta "brasileiro". Seus versos têm poesia, tanto que alguns dos seus poemas valem por livros inteiros.

Há quem dilua a gôta de essência, imagem feliz ou comoção sincera, num oceano de palavras, escolhidas e preciosas, mas escusadas.

Catulo é perdulário e generoso, como a natureza; concentra numa quadrinha, em dois ou três versos simples da "medida velha", tão idiomática, tão nossa, todo um jardim ou uma várzea inteira, com o seu deslumbramento, de frescura, de luz, de aroma e de melodia, para essa comunhão que tem o homem, distraído pelas coisas, com o seio materno de sua terra, consciência de amor que só lhe pode dar, tão sentida e vivida, a grande obra de arte.

Porque a arte é isto mesmo. É a "realidade", que a beleza nos tornou "sensível".

Junto a minha casinha de Petrópolis há um canto do Piabanha que eu nunca soubera "ver"; admiro-o agora que o "vi", reproduzido numa deliciosa paisagem de Batista da Costa. Sertanejo exilado que sou na cidade, os versos e novelas que me falam do meu sertão enternecem-me até as lágrimas, mas de lembrança do que senti, sem dar por isso, e me repassam agora na memória do coração. A vida não é isso mesmo, gozar ou sofrer, no desejo ou na saudade, sem jamais a consciência do presente, atônita e efêmera realidade? O artista é assim um vidente; a arte, uma "profecia", porque virá a ser, para os que a contemplem e gozem, uma "realização". A de Catulo é magnífica; êle sentiu tão bem que o "seu" sertão é o "meu", é o "nosso" sertão. Idealizado? Que importa! É o dom da arte, só ela é capaz do milagre da transfiguração.

As imagens lhe borbotam frescas e novas, límpidas e aljofradas, como a veia dos olhos d'água dos nossos córregos, que vão saltando e correndo e sofrendo, e cantando através dos seus leitos de pedra e de esmeril, pelo estirado das rechãs, pelo declive das ribanceiras... como as lágrimas, tristes ou felizes, da terra.

Os quadros da natureza, manhãs, crepúsculos, noites, luares e madrugadas, em nenhum poeta são mais profusos e tão "nosos" pela linguagem, pelas comparações, pelas evocações, tanto, que constituem o mais formoso e mais parecido retrato do Brasil. Os enfeites da terra são as dela, flôres do campo, frutas bravas, paus do mato, e o homem, se não é mais o bronco aborígine, não é também o adventício imigrante, mas o sertanejo, êsse misto que nos formaram as raças colonizadoras, amassado com o barro, cozido ao sol, naturalizado por quatro séculos de provações e de esperanças e para quem ela,

a sua terra, é o seu único amor e a sua certeira perdição. Ela é também, essa terra brasileira, o "meu sertão", a namorada de Catulo.

Mas não só o amor canta o poeta, canta tôda a vida: a vida rude, sofredora, de labuta, e de decepção, e de confiança; vaquejando, passando gado, fazendo votos, nas "premessas"; com o sentido na honra, até a do seu cavalo, antes que da ambição de ganho ou satisfação do rude amor-próprio; cangaceiro, capaz de topar a tropa de linha, para vencê-la e que se vence, com ajuda de um santo lenho, para respeitar a honra da mulher amada que se lhe confia: coração terno e macio, que se rende e se deixa estrepar dos olhos de uma cabocla, para o engano terno do amor, "terra caída", que na indiferença, na traição, no esquecimento, desmancha, apaga, e troca, e substitui, no lôgro da vida, como essas do rio inconstante, que esboroa aqui, no cotovêlo de uma volta e restitui adiante, na praia de uma coroa... Que importa um coração enganado, se haverá outro contente? Que chore e cante!

É o que faz Catulo Cearense. Por isso, muitos dos seus poemas são obras-primas. Mais: enlevam, entusiasmam, enternecem e fazem chorar. E isto é que é poesia.

AFRÂNIO PEIXOTO.

(Da Academia de Letras)

Catulo Cearense

Resido há quatro anos no Brasil e só agora me foi dado conhecer o mais inspirado e representativo menestrel do seu sertão — Catulo da Paixão Cearense, poeta bravio, poeta cujos versos não foi preciso semear e ainda menos cultivar, poeta igualmente entendido e apreciado pelos sábios e pelos ignorantes, poeta do povo e da raça, poeta e só poeta, que só pode *dar* poesia, como as abelhas só podem dar mel...

Não posso deixar de ralhar docemente aos meus amigos brasileiros, que assim tardaram em me pôr em contacto com um tão direto e exato intérprete da alma nacional. Mas se êles, ao ouvir os versos de Catulo, com razão se eletrizam e vibram perante o que nêles encontram de essencial e ìntimamente brasileiro — eu, por meu lado, apurando ainda melhor o ouvido, todo me enterneço e desvaneço de nesses versos sentir ao longe, intacta, imortal, inconfundível, a velha alma portuguêsa.

Sem dúvida, outras almas de outras raças colaboraram na formação do lirismo brosileiro e contribuíram para lhe dar a fisionomia original que lhe não nego. Mas quem poderá também negar, sem negar a evidência, que nessa melodia nova e bela, se há vozes diversas formando o côro ou o acompanhamento, é sempre a voz de Portugal, a antiga voz, jamais enrouquecida, da antiga Lusitânia, que dirige o canto e nêle sobressai e predomina? E que outros ouvidos no mundo, além dos brasileiros e portuguêses, serão capazes de ir atrás dos poemas de Catulo com o alvorôço e a comoção que eu experimentei agora, e que experimentariam todos os meus patrícios, se o poeta seranejo fôsse recitar e cantar a Lisboa os seus versos?

Catulo Cearense fala, chora e ri em verso portuguesíssimo — a redondilha maior, que é a forma métrica instintiva e inconsciente da nossa linguagem comum. Catulo conversa com a Natureza, e a Natureza conversa com Catulo, (assim diria Eça de Queirós), por meio de diálogos a que poderá oferecer a réplica justa o grande poeta português Antônio Correia d'Oliveira, mestre da redondilha também êle, e também êle *língua* ou turgimão fidelíssimo das vozes, dos gestos, dos sentimentos, dos risos e lágrimas das Coisas, essas aparentes surdas-mudas — mas tão falantes a quem sabe entendê-las. Catulo traduz o canto dos pássaros, e decifra o cachoeirar das águas, e o murmúrio das florestas, e o fulgor dos luares, por maneira para mim tão inteligível e penetrando-me tão dentro da alma, que parei a perguntar-me se, além da mentalidade, da sensibilidade, da gente, de alguma fauna e de alguma flora, em boa hora transplantadas de Portugal, ou por portuguêses, para o Brasil, também foram os nossos comuns avós que para cá trouxeram as cataratas dos rios, as árvores das matas-virgens e as estrêlas e aves do céu! Enfim Catulo entende o amor à nossa moda, e bastava êsse traço das suas feições, para lhe descobrir o parentesco e me permitir sentenciar: dize-me como amas e eu te direi a que raça pertences...

E, todavia, Catulo Cearense encarna a alma brasileira com fidelidade e eu poderia agora, voltando a compará-la com a nossa, apontar as suas diferenças,

tão fàcilmente, como já assinalei as suas semelhanças. Lembrarei apenas o sabor regional (mas por vêzes também arcaico) do seu vocabulário; o nacionalíssimo entrecho e cenário dos seus poemas; a originalidade das figuras, das paisagens, dos costumes, superstições e lendas, que dêles se destacam. É que o Brasil não é uma imitação: é um prolongamento e um crescimento. O Brasil não é um eco ou um reflexo: tem voz e luz próprias — e ainda bem que as tem, para nosso maior orgulho e admiração. Mas cego será quem imaginar que o transforma melhor e mais depressa, ou de qualquer modo o engrandeçe, consagrando-se a destruir as raízes majestosas que tão profundamente o entroncam num tão belo e fecundante passado. Aliás essas raízes só Deus poderia destruí-los, e Deus não quer... Elas erguem-se vigorosas de todos os lados, inacessíveis à aberração humana. Ainda há dias, folheando um dicionário corográfico do Brasil, descobri com surprêsa que há neste país vinte e três lugares, a que a palavra *saudade* serviu de batismo: 10 no Estado do Rio, 9 em Minas, 2 em S. Paulo, 1 na Bahia e 1 em Pernambuco. Dezenove dêsses lugares chamam-se *Saudade,* a dois deu-se o nome ainda mais bonito de *Saudades,* e aos dois restantes chama-se pitorescamente, a um *Saudades de Cima,* e ao outro *Saudades de Baixo.* Ora, eu já escrevi uma vez, e aqui confirmo, que as sete letras da palavra *saudade* são o brasão da nossa raça, tão legìtimamente como os cinco sinais das quinas o são da minha Pátria. E muito antes de mim, e bem melhor que eu, escrevera o grande Joaquim Nabuco que essa palavra é a mais bela da nossa fala; a gema da linguagem humana; a alma, a essência da raça, que nos lábios a traz constantemente...

Os poemas de Catulo são, como disse o grande educador Fernando de Azevedo, de uma volutuosidade ingênua.

Saudemos, pois, em Catulo da Paixão Cearense um descendente e um continuador dos nossos trovadores populares da Idade Média, que dos seus cangaceiros fêz, com certo engenho, os novos cavaleiros-andantes do sertão. E indiquemos ao futuro os solaus e xácaras dêsse poeta do povo, como o início de um Romanceiro nôvo em que vai reproduzir-se e desdobrar-se, sob céus mais luminosos, em terras mais vastas e mais ricas, e porventura com maior exuberância e esplendor, a alma eternamente lírica da Lusitânia — de aquém e de além-mar!

ALBERTO D'OLIVEIRA

(Da Academia de Ciências de Lisboa)

"Eis os três mestres da nossa vida: — Alencar, a alvorada; Euclides, o meio-dia e Catulo, a noite com os seus mistérios."

SAUL DE NAVARRO

Homenagem a Catulo Cearense

No DIA 12 DE setembro de 1918, realizou-se no Teatro S. Pedro, hoje Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, uma festa em honra do poeta Catulo Cearense, promovida pelos senhores: *Ministros Guimarães Natal, Muniz Barreto, Pedro Lessa* (do Supremo Tribunal) e *Alberto d'Oliveira* (Plenipotenciário de Portugal); *Drs. Miguel Calmon, Pandiá Calógeras, Afrânio de Melo Franco, Elói de Sousa, Augusto de Lima* e *Juvenal Lamartine* (homens de Estado); *Cons. Nuno de Andrade; Ministro Ataulfo de Paiva* (da Côrte Suprema); *Professôres Afrânio Peixoto, Fernando de Magalhães, Pacheco Leão, Miguel Couto* e *Dias de Barros* (da Fac. de Medicina); *Roquete Pinto* (do Museu Nacional), e *Assis Chateaubriand* (da Fac. de Direito do Recife); *Alberto de Oliveira, Mário de Alencar, Coelho Neto,* e *Paulo Barreto* (da Academia Brasileira); *Drs. Pires Brandão, James Darci Francisco Solano Carneiro da Cunha, Primitivo Moacir, Raul Caracas, Alfredo Pinto* (advogados); *Drs. Paulo da Silva Araújo, Murtinho Nobre, Davi Sanson, Edmundo de Oliveira, Antônio Austregésilo, Abel Pôrto, Agenor Pôrto, Carlos Silva Araújo* (médicos); *Drs. Luís Carlos, Humberto de Campos, José Maria Belo, Humberto Gotuzzo, Pereira da Silva, Antônio das Neves, Carlos Costa* (publicistas e homens de letras), e *Manuel Vieira Martins* (capitalista em S. Paulo), que decidiram publicar a primeira edição dêste livro.

Com o concurso gracioso da Exma. Sr.ª D.ª *Ângela Vargas Barbosa Viana,* e dos Senhores *Mário Pinheiro, Frederico Rocha* e o ator *Alberto Pires* foram ditas e cantadas várias produções do poeta. Em cena aberta os Srs. *Humberto de Campos,* poeta e jornalista, e *Roquete Pinto,* sábio e literato, pronunciaram os seguintes discursos:

"Entre os nossos contos populares de origem européia, colecionados por Sílvio Romero, eu coloco em primeiro lugar, pela delicadeza e ornamentação verdadeiramente oriental, a linda história do "Papagaio do Limo Verde". Certa môça, muito bonita, moradora nas vizinhanças de uma grande cidade, capital de um grande reino, vivia em tal opulência, cercada de tanta pedraria, que não se via outra tão rica entre tôdas as princesas do mundo. Estranhando o exagêro dessa magnificência misteriosa, as vizinhas ficaram de alcatéia, até que descobriram a maravilha daquele segrêdo. À noite, quando todos dormiam, a môça abria a janela do palácio, e por ela penetrava um papagaio muito verde, que entrava reclamando água. A môça corria a trazer-lhe uma bacia de ouro ondulante da linfa mais límpida, dentro da qual o papagaio se atirava sôfregamente, ruflando as grandes asas insofridas. E cada pingo d'água que voava da bacia transformava-se em um diamante que a rapariga ia apanhando, ficando, assim, dia a dia, mais rica. Ao fim do banho, o papagaio estava transformado em um formoso mancebo, como outro mais formoso não havia na terra. Era o Príncipe do Limo Verde.

Eu não posso ler ou ouvir os versos sertanejos de Catulo da Paixão Cearense, — êsses mesmos versos que êle vos oferece nesta festa, sem que

me assalte à imaginação afaiscante história dêsse encantado príncipe perdulário. O ourives que trabalhou no ouro virgem da linguagem popular as jóias rústicas e maravilhosas que por aí andam, é necessàriamente um grande e lídimo artista, um fidalgo poeta, que se disfarça em ave cantadeira, para melhor espalhar, a mancheias, como o Príncipe do Limo Verde, a rutilante pedraria do seu erário. Catulo é realmente um misto de singeleza e de opulência, um ponto em que se misturam, formando o mais pitoresco dos riachos, os veios que passam pelos campos cultivados e as fontes que descem, gementes e ligeiras, do largo seio das matas indomesticadas. A sua poesia simples, doce e ingênua, mas em versos de métrica perfeita, é uma resina do sertão a arder, cheirosa, num turíbulo de prata ou de ouro. Evolam-se das suas rimas os mais inocentes perfumes da terra: cheiro de baunilha, de leite, de fôlha machucada, de gado sadio, de benjoim, de rôla virgem, de campina desabrochada: cheiro, enfim, do sertão do Norte, em maio, pelos fins d'água...

Passados êsses versos para a linguagem correntia, não teríamos nós, entre os dos nossos melhores líricos, outros que se lhe avantajassem em meiguice. Catulo não quer, porém, que os seus frutos nasçam no jardim ou brilhem em vasos de porcelana: quer conservá-los no mato, envoltos nas fôlhas. A seiva para o fruto quem a dá é Deus. À árvore compete, apenas, dar forma ao pomo. Catulo tem tôda a inspiração dos grandes e verdadeiros poetas; e como é sertanejo, vaza essa forte seiva nos rústicos moldes que lhe fornece o sertão. Dos seus versos êle poderia dizer, como o velho poeta espanhol:

— *"Yo los escribo: dictalos Apolo!"*

HUMBERTO DE CAMPOS

(Da Academia de Letras)

*

* *

"A poesia popular do Brasil, órfã, anônima, mal acolhida nas páginas de alguns notáveis estudiosos do folclore, andava por aí representada nas estrofes choramingas das modinhas, em quadras de crítica facêta, ou nas lendas ingênuas do sertão boiadeiro, como as do "Espaço" e do "Riachão".

O poeta, que nossa elite social hoje aplaude, realizou o milagre de compor, na linguagem de sua gente, poemas de largo fôlego, onde se descobrem duas características bem marcadas. Primeiro, aparece nos versos de Catulo Cearense a nota profundamente humana; todos os seus personagens são reais, vivos e agitados por sentimentos da espécie. Depois, surgem daquelas frases, que parecem informes, o perfume, a luz, a côr, o doce e o amargo da nossa natureza integral. Há, espalhados pela sua obra, fascículos de um tratado de história natural; fenômenos geológicos, feições da flora, hábitos da fauna, etnografia, tudo ali conspira, dando o verdadeiro feitio do *habitat* brasileiro. Não é o "poeta do Sertão" apenas; quem escreve a "Terra Caída" — é poeta da Amazônia; quem escreve o "Lenhador" — é o do Brasil inteiro, que se alcantila de matas...

Os nossos poetas que entoavam hinos ao torrão natal, até agora, pertenciam a duas categorias: uns falavam como a plebe, e não sabiam escrever; outros, sabiam escrever... e traçavam seus versos na língua dos nossos maiores, bem diferente da que vive na bôca do nosso rude povo.

Mas, quem poderá exprimir, no formoso, clássico e polido idioma, a bruteza de recantos travados: o ímpeto primitivo de afeições desabridas, que estalam no coração dos que mourejam nos seringais? Que imagem, nascida

na Ibéria, pode servir ao paroara, quando deseja pintar a ruína global de sua existência, a perda completa de seus devaneios e de seus haveres, senão a figura da derrocada subitânea de um trecho de margem, onde plantou o rancho, a roça e armou a rêde para sonhar com a doçura de um primeiro beijo, ali, no canto do mato limpo pelo seu carinho e adornado pelo seu amor? E o fato geológico, brutal, como um terremoto que se não esquece, inspira o poeta; a saudade, então, deixa de ser o "delicioso pungir de acêrbo espinho", que magoava docemente os avoengos... No Brasil, é "a terra caída de um coração que sonhou"...

Êste cantor não se utiliza dos mirtos, das verbenas nem dos jacintos que nunca viu; suas flôres são colhidas no ipê e no imbiruçu. Não se aproveita das águias, nem dos condores, nem dos rouxinóis, que já tem visto... engaiolados; mas compara os gritos lancinantes de sua dor ao metálico explodir da voz de uma araponga. O sabiá é a sua "viola de penas"; o curiango, a jaçanã, o urutu, tipos das ornis do Brasil, esvoaçam nas suas produções.

Dêle, nunca, ninguém dirá que é um poeta português, escrevendo no Brasil.

Seja qual fôr o juízo que se forme do idioma semibárbaro de que se êle serve, é preciso reconhecer que tal língua não morrerá. Há de ser polida, modificada pelas influências estranhas, que o progresso do país fará avultar; mas há de viver.

Quem escreve para o público, no Brasil, tem o dever de zelar pelas vozes clássicas, sem exageros anacrônicos, para cumprir uma missão frenadora, servir de elemento conservador, moderando a velocidade da vaga popular, conservando tradições. Mas não deve combater, senão aprimorar o formoso dialeto, áspero, como a maior parte da terra em que nasceu.

Ninguém, no Brasil, escreve como êle a língua da gente inculta, que é a maioria da nação; ninguém, como êle sabe cantar ingênuamente a pátria, nos sons que por ela circulam.

Simples naturalista, estou aqui a falar do poeta, porque a poesia é como a luz. Uma desce do céu azul e penetra nos palácios e nas choupanas; lava os mares e as terras; espalha-se por sôbre florestas e se derrama nos campos. A outra sobe da natureza inteira, e se exalça para ganhar o infinito. Rompe do solo, nos acidentes do terreno, que é vário, como a alma dos homens; nasceu na existência diária de todos os sêres vivos; sublima-se no sentimento do "grande escravo", que se não move senão à custa de cega obediência a leis fatais. Ela entra na arte, para vivificá-la; na indústria, para dar-lhe brilho; e, na ciência, prestígio.

Esta poesia semibárbara me fascina, porque sinto, nela, as louçanias e as imperfeições da minha terra.

Êste poeta foi o escolhido da sorte, para arquivar, no côro dos povos que cantam, a voz do seu próprio povo. Seus poemas estão escritos no lenho das grandes árvores, gravados nos penhascos da pátria; foram compostos com as harmonias reais dêste meio natural dominador.

ROQUETE PINTO

(Da Academia de Letras)

Crônica do "Mercure de France"

CATULO CEARENSE est unique en son genre et il nous a donné le frisson nouveau. La matière de ses poèmes est simples, vaste et riche.

Elle est la contemplation du monde et contemporaine de tous les âges. Elle a l'image forte, profonde, cosmique. Son âme est au centre de la forêt, comme un écho sonore, telle l'âme de Victor Hugo au centre de tout, selon le vers célèbre. Il a une façon aisée et sûre d'entrer en matière, une familiarité jamais vulgaire, qui me fait penser à l'incomparable Lafontaine. Catulo ne dit point ses vers ni les déclame. Il les vit. La voix, le geste, la masque et les mouvements, tout a cette verité, cette force spontanée et juste d'un art qui rejoint la vie. Il est simples, naturel et exact, comme un chant d'oiseau.

(*Mercure de France,* Paris, 1.º de de maio de 1919)

Em Caminho do Sertão

(A Astério de Campos)

BARDO OU POETA, cujas rimas
são da poesia o tesouro,
que cantas em rimas de ouro
a tua consagração,
fecha os cristais dos ouvidos,
não ouças, por caridade,
a virgem rusticidade
desta viola do sertão.

Esta linguagem bravia,
como aquela natureza,
não contém essa beleza
paciente do teu buril!
São os versos dêste livro
como as águas das cascatas
e o vento, açoitando as matas
das florestas do Brasil.

Tange as cordas da tua lira
nos seus dulcíssimos trenos!
Entoa canções à Vênus
no teu ritmo lapidar,
mas deixa-me a liberdade
de descantar numa *prima,*
sem arte, sem voz, sem rima,
uma cabocla a sambar.

Quisera ser ignorante,
como um cantor sertanejo!...
Era êsse o meu desejo!...
Não ter nenhuma instrução,
mas ter o dom do improviso,
para dizer, de momento,
as dores do pensamento
e as mágoas do coração.

Excelso, divino poeta,
que levas um mês inteiro,
beliscando no tinteiro,
para um sonêto compor,
deixa um momento a Avenida,
vai lá nos matos sombrios
ouvir êsses desafios
de um *cabra* improvisador.

Não vais sentir a rijeza
de eretos alexandrinos!
Vais ouvir os dons divinos,
que Deus concede a um mortal!
Não te importes com a sintaxe,
que isso é coisa sem valia!
Sorve sòmente a poesia,
que é um licor celestial.

Basta de Pã, de Netuno!
Deixa a Grécia! Deixa a Itália!...
Deixa a fonte de Castália,
que, de há muito, já secou!
Vai beber as águas frescas
de uma cacimba, que é tua,
onde, à noite, a nívea lua
seus versos brancos deixou.

Musset, D'Annunzio e Leconte,
Byron, Hugo, Campoamor,
já te imploram, por favor,
que os deixes lá descansar.
Demos um pouco de tréguas
a tanta coisa estrangeira,
que esta terra brasileira
tem muito e muito que dar.

Eu bem sei que êsses poemas
nunca serão recitados
nos salões opulentados,
por um moço de altivez.
Seria um crime ultrajante
dizer estas frioleiras
nessas *rodas* brasileiras,
onde se *diz* em francês.

Mas, que importa? Nada aspiro
neste país, nesta terra,
que tantos bardos encerra,
e tanto filho abandona!
Êles têm a lira ebúrnea!
São Orfeus!... São divindades!
E eu só sei cantar saudades
nesta inefável sanfona.

Se não traduzo, a contento,
as queixas lá da viola,
uma coisa me consola: —
é cantar tudo o que ouvi!
E embora vilipendiado
com inofensível fereza,
pertencer à natureza
desta terra em que nasci.

Nada achareis neste livro,
Narcisos afrancesados!
Vós estais acostumados
com essas liras de além mar!
Êste instrumento que eu trago
aqui, por cima do peito,
é tão bárbaro e imperfeito,
que só eu posso escutar.

Nesta floresta de versos,
nesta espêssa mataria
não se escuta a melodia
de um CHANTECLER de Rostand!
No sertão dêstes poemas,
não canta um galo estrangeiro,
mas um galo brasileiro,
saudando a luz da manhã.

Quereis saber de que côr
são êstes meus pobres trenos?
São da côr das fôlhas verdes,
pisadas pelos serenos!

Nos dedos rudes que escrevem
estas cantigas bucólicas,
não reluzem os fulgores
de anéis de pedras simbólicas.

Qual seria o anel do poeta,
se o poeta fôsse um doutor?
Uma Saudade brilhando
na cravação de uma Dor!

....

E vós, gentis senhoritas,
que falais o italiano,
como o francês soberano,
as línguas em que cantais,
cuidado com a língua bárbara
dêsses sertões lá do Norte,
trescalando o cheiro forte
dos gigantes vegetais!

Fechai meu livro, senhoras!
Com o vestido decotado,
com o cabelo penteado,
e êsses finos sapatinhos,
voltareis arrependidas,
trazendo os vossos sapatos
cheirando a fôlha dos matos,
e as vestes cheias de espinhos,

Nada, pois, de sacrifícios,
sem colhêr um resultado!
Cuidado! Muito cuidado
com os acúleos... do espinheiro!
Em vez de um terno "je t'aime"
de um moço guapo e bonito,
ouvireis sòmente o grito
da paixão de um *marroeiro*.

Nada, pois, de sacrifícios!
Nas margens de uma Avenida,
não se vê *"Terra caída"*,
coisa que não tem valor!
Não crescem árvores rudes
que depois de decepadas,
nós já vimos revoltadas
contra um fero *"lenhador"!*

Fechai meu livro, Senhoras!
Certo, eu sei, não interessa
a história de uma *"Promessa"*,
uma flor do coração!
Um meigo e simples transunto
das saudades sertanejas
das noites de São João.

Que há num *"passador de gado"*,
(direis vós) um homem rude,
com sua bronca virtude,
que vem ver a Capital,
e volta vociferando,
comparando esta cidade
com a rudeza e a soledade
da sua terra natal?!

Não! Lêde-a com dor, com mágoa,
essa história, essa romança
de um homem feito criança,
êsse *"Quinca Micuá"*,
alma pura, nobre e santa,
como uma flor redolente,
que, talvez, tão inocente,
não exista igual por cá.

Não reciteis, senhoritas,
o poema religioso
de um *"cangaceiro"* extremoso,
o matador das estradas,
porque vereis, sem surprêsa,
êsses moços que escutarem,
as gargantas rebentarem
em tremendas gargalhadas!!

Vós, que lágrimas verteis,
lendo a insulsa serenata
de um poeta nefelibata,
um poetastro *verlainal*
admirai, na "vaquejada",
como um rude boiadeiro
respeita o seu companheiro,
mesmo sendo um animal!

. . . .

Com prazer ouço uma orquestra
no multicor dos sonidos
e, logo após, os carpidos
da viola, cantando a dor,
assim como, lendo o Dante,
logo depois ouviria
um canto dessa poesia,
que tem cheiro de verdor!

Tenho lido, desde Homero,
tudo o que se tem escrito
em versos de ouro e granito,
de impecável perfeição,
mas, (talvez seja ignorância),
às vêzes fico encantado
com um verso imetrificado
de um Manoel do Riachão!!! (*)

. . . .

Formosos, doces Narcisos,
que andais vestidos de Imprensa,
cheios de orgulho, a doença

(*) Célebre violeiro e cantor dos sertões de Pernambuco.

dos *"Grandes"*, dos *"Imortais"*,
que de cinco em cinco dias
tendes o rosto gravado
sob um sonêto plagiado,
nas colunas dos jornais!...

Vates, Poetas principescos,
vestidos de sêda e de ouro,
a minha veste é de couro,
são rudes os versos meus!
Mas só reconheço um Príncipe
da Universal Monarquia,
Rei e Papa da Poesia,
cujo nome é — Deus!

Só Deus!

CATULO CEARENSE.

O gaiteiro Quinca Micuá, fugido de sua terra, vai contar o que lhe sucedeu à primeira pessoa que dêle se condói, aqui, na Capital Federal.

Quinca Micuá

(O Gaiteiro do Sertão)

A PLÍNIO MOTTA

Nosso Sinhô dê bons dia
a vasmincê, meu patrão,
e a tôda a sua famia.

Cheguei há cinco sumana
nesta grande Capitá.

Sou musgo!... Musgo gaitêro!...
E, não é prú me gavá,
fui o terrô dos violêro
dos sertão do Ceará.

Os samba daquela terra,
adonde canta a viola,
adonde gême o ganzá,
não via o nacê do dia,
sem o gimido chorado
do gaitêro arriliado,
do seu Quinca Micuá.

Cumo o rio — da nacente;
cumo a pranta — da simente;
cumo a simente — de coisa
que ninguém sabe... ninguém,
nací gaitêro tombêm!

Vasmincê póde me crê:
não fazia duas hora
que acabava de nacê,
e já levava parmada
de minha mãe, cumo quê!!

Toda a vez que ía mamá,
a pobrezinha gritava,
pruque eu, mamando, apertava
aquela santa maminha,
pensando já, meu patrão,
que fôsse uma sanfôninha!!

Eu sêmpre fui um cabôco
bunito, cumo êle só!
As tapuia lá dos verde
dizia que eu tinha uns óio
facêro de noitibó!

Quando eu intrava num samba,
todo pimpão e gostoso.
cum os cabelo ingurdurado
d'um gósméco, bem chêroso,
a cabrochada assanhada
ficava logo inciumada
de me vê dengoso ansim!

Tudo que era fermuzura
ficava doida prú mim!

Eu tombêm fazia cêra,
mas porêm, cumo brinquedo!
Dêxava sêmpe as cabôca
lambendo os óio dos dedo.

Querê bem?! Não! Que isperança!

Nunca púde creditá
im tanta jura de amô
que me fazia a Tudinha,
a Miritinha, a Izabé,
naquelas caraminhola,
que é o visgo que sái da boca
da pió sucúrújuba
que Deus criôu: — a muié!

Agora iscute, patrão.

Prôs lado lá do sertão
do meu santinho Ceará,
vivia um homem chamado
— Lotéro Carácará.
Era rico, apois pissuía
uma fortuna de gado.

Findava o mês da mutuca.

Na minhã daquele dia,
tinha chegado da Côrte
uma afiáda do véio,
cum o nôme de Cunceição.

Era um dia de fônção!

Lotéro, que era casado
cum a sinhora Cunegunde
e tinha um érmão doutô,
tinha mandado inducá,
na Côrte... na Capitá,
essa tá de Cunceição,
cum carinho e munto amô!

Tinha a mocinha seis ano,
quando saiu do sertão.

Era férmosa, apois não!
Os óio dela fazia
pipóca no coração.
Tinha um nariz paricido
cum o bico do tinconcão.

As corda dos seus cabelo,
im duas trança ispaiáda,
era cumo dois sedenho
d'uma vaquinha amojada.

Cunceição era sarada!!...
Não tinha a cô das cabôca!
Era da cô da passóca,
tirante a batata assada.
Cantava e tocava musga
n'um caxão grande, — o priano,
que eu vi a prêmêra vez
im casa do seu doutô

Batia língua cum êle,
falando as língua da instranja,
que inté mitía pavô!

Cunceição tinha o segrêdo
de contá, riscando os númbro
no papé, sem sê percizo
contá cum as ponta dos dêdo!

N'um instantezinho inscrivia
tudo o que ela bem quiria!

Im pé, andando ou deitada,
im quarqué livro ela lia,
si li dava na venêta!
Lia pru-riba e correndo,
que eu ia prá mim dizendo
que era coisa do Capêta!

Quando falava... hinspanhó,
o doutô chamava ela
murzella... ou... *miudamurzélla!*

Eu vi, patrão, munta vez
que ela logo arrespundia
"murciú", falando ingrês!

Cunceição vinha passá
argum tempo no sertão
cum Lotéro e cum sá dona!

Era um dia de fônção!...

Eu ia tocá sanfôna.

Naquela noite, patrão,
meu insturmento gritava,
parece que arrebentava
as tripas do coração!

A minha gaita cantava,
cumo si fôsse um vim-vim!

Aquela moça já táva
achamegada prú mim!

Ela se pôs cum inxirisse!...

Óiáva p'ra mim!... si ria!...

Eu, na sanfôna, gimía!...

Ela uma "coisa" me disse!...

Eu logo me dirritía!...

Mas a canela da onça,
meu patrão, não assubía!...

Foi o diabo, patrão!

O cara de barbatão,
que se danava de fêio,
mais fêio que São Simão,
oiáva ansim de réis-véis,
arripiava a quêréca,
imquanto a véia sapéca
me oiáva cum danação.

A muié tinha o nariz,
(não ofendendo os presente),
— de castanha de cajú!...

Era uma véia barbada!...
Tinha uma cô de imbuzada!...
Só tinha uns óio bunito,
cumo os óio do tatú!!

Um gaitêro, o Zé Fréchão,
me óiando, inté paricía
me querê cumê cum as mão!

Baixinho, a ruê coirana,
Inluminata, a Rosinha,
a Chica, a Luiza, a Tudinha
xingava a mim e xingava
a sinhora Cunceição.

Quando isquentava a fônção,
apois, agora, o doutô
tava tocando o *caxão*
prás moça tôda porká,
a Cunceição, a danada,
me puxou, num safanão,
pr'a me dizê: "Micuá"!

"Eu tôu mêmo apaxonada!...
"Tu firiu meu coração!"

Ela contou que o padrinho
quiría que ela casasse
cum o érmão, o tá doutô,
um moço todo lampêro,
que istudou na Capitá
seis ano, prá curandêro,
e que ela não tinha amô!!!

Que não quiria casá,
sòmente pr'ú sê doutô,
cum êsse cara de intanha
e bico de picapáu.

Levasse a bréca a sabença,
que ela amava uma sanfôna,
o insturmento mais bunito
ao despois do marimbáu.

Patrão, êste seu criado,
o seu Quinca Micuá,
uvíndo o que ela dizia,
trimía, patrão, trimía,
cumo o junco da lagôa
im dia de ventania!

Pr'á pudê me arritirá,
ánte da festa acabá,
foi perciso que eu jurasse
p'ra sá dôna Cunceição
que eu ia no outro dia,
sem fárta, tocá sanfôna
no samba do Zé Chicão.

Quando eu cheguei, no outro dia,
na guarapêra do cabra,
já Cunceição incontrei.

Óie, patrão: a verdade
nunca mereceu castigo!

Eu tombêm me apaxonei!!!

No samba do Zé Chicão,
foi o diabo, patrão!

Um cantadô de viola
fêz esta impruvisação: —

"Eu já vi um sapo-boi,
"n'um aguaçá d'um bréjão,
"dizendo que a sua gaita
"parecia um azulão".

Preguntando um outro cabra:
— E o que tu disse, Janjão?!
O prêmêro arrespondeu: —
"Eu varejei uma pedra
"no fucinho dêsse cão".

Puxei pula intiligença,
e arrespundi prô zangão:
"Êstes verso bem amostra
"que saiu dessa cachóla!
"O sapo-boi, que tu viu,
"tá tocando viola".

O cabôco tiriúma
cuspiu do couro o quicé!

Eu, no meio das cabôca,
isgruvitava cum os pé!

Se as muié não cunsintía
que eu me ispaiásse à vontade,
(não minto, não, falo séro!)
garrei na minha sanfôna,
e... perna p'rá quê te quero!

Apois, êsse violêro
do samba do Zé Chicão,
o cabra da gaforinha,
se as muié não me garrasse,
não cumía mais farinha!

Apois, dôna Cunceição
me pidía!... Supricava
pula santa de seu nôme!!

Caxinxe, é sêmpe caxinxe,
e um hôme, é macaco é hôme!

Ao despois, o seu Lotéro,
sabendo daquelas coisa,
disse a sinhá Cunceição
p'rá não falá mais cumigo!

Ora, vêje que pirigo!

Sá Cunceição, que era *fina*.
cumo a gente diz prú cá,
de minhã, todos os dia,
imquanto os véio drumia,
lá ia assuntá cumigo,
imbáxo d'um biribá.

Eu nunca vi coisa ansim:
a muié, que era inducada,
gostava mêmo de mim!

Caísse as água do céu,
ou fizesse o Só bom dia,
certinho, tôda a minhã,
o biribá já me via
tocaiando a Cunceição!

Na minhã que ela não vinha,
era que o véio babão
e a rabujenta madrinha
tinha acordado mais cedo.

Ora, um dia eu tive medo!

O coirão da marvadinha
me catucou p'rá fugi!

"Sá dôna!" eu arrespundi:
"váincê é môça inducada!
"Eu sou um pobre gaitêro,
"um tocadô de sanfôna!
"Isso é coisa munto feia
"p'ra uma mocinha dizê!
"Não fale nisso, sá dona!...

"Óie, Sá dôna, o Tinhoso
"tá tentando vasmincê!"

Inda eu táva supricando,
e a muié me dava as costa,
índo imbóra, arresmungando.

*

Passêmo duas sumana,
sem tá junto... sem nos vê!

Despois que a gente arêngou,
de minhã, naquela hora,
eu passava munto longe,
iscundido atrás das moita
das verde jaráuácica,
p'rá vê se via o diabo
da mocinha tiririca!

Tinha perdido a aligria!

Nunca mais toquei n'um samba!

E a minha gaita gimia,
cumo a curuja avuando,
quando a noite côme o dia!

A tia Angérca, uma véia
da casa de seu Lótéro,
que cumigo se incontrou,
me disse que o tá doutô
fazia cêra cum ela!...

Cum ela!... Sim!... Sim, sinhô!

Senti nos bófe um calô!...

O carcanhá me trocêu!...

Eu juro a váíncê, eu juro,
que, sem tocá cum êstes dêdo,
a minha gaita gemêu!

Naquela noite eu andei!...
Andei pulas mataria!...
A sanfôna não tocava!...
Táva muda!... Não gimia!

Eu apertava... afróxava!!...
táva sem voz!... Só bufava!

Quando se perde a vrégonha,
abasta o amô querê,
faz do hôme uma pamonha!

Fui pedí a tia Angérca
p'rá dizê p'rá Cunceição
que eu táva isperando ela,
ánte do *Só* acordá,
no outro dia, cumo sêmpe,
imbáxo do biribá.

Dito e feito. No outro dia,
naquela hora marcada,
eu isperava a marvada!

A sanfôna, pindurada
n'um ramo, a se imbalançá,
quando uviu ela falá,
sem eu tocá cum êstes dêdo,
introu de novo a cantá!

Pula arage balançada,
no ramo, d'aqui p'ra lá,
parecia inté, patrão,
que a gaita era o coração
do férmoso biribá!!!

Eu entonce preguntei
se ainda me tinha amô.

Não disse nada!... Calou!

Eu falei nesse inxirído,
no moço... no... no doutô!

Foi entonce que falou,
dizendo que ela falava
siturdia cum êsse moço,
prú via d'um má de rengo...
e prú via d'uma dô.

D'outra feita, foi prú via
d'uma grande narvragía
no miôlo do coração!

Mas porêm já táva bôa,
despois que o doutô fisgou
nos dois braço uma injérção...
(lá nela)... de fôia sêca,
e simente de gervão.

Despois, zangada, me disse
que eu amava sem calô!!!
Que eu tinha sido o prêmêro,
o prêmêro que ela amou!

Que tinha munto dinhêro
p'rá nós vivê afórgado,
sem se importá cum o Lótéro,
nem cum o diabo do doutô.

Entonce, apouzando o braço
cá prú-riba do meu hômbo,
sinti cumo uma friáge
nos grugumío do istômbo!

Trimí, seu patrão, trimí!
Mas porém, quando outra vez
me catucou p'rá fugi,
não sei cumo não morrí!

Ai, que moça tão marvada,
mas porêm... tão bunitinha!

Despois, me disse no uvido:
"Micuá, uma boquinha!..."

Apois, juro a vasmincê!...
Eu não sabia o sintido
da palavra... Pode crê!

Quando ela me disse o que era,
gritei: "Dona Cunceição!!!

"Não quero sabê de nada!!!

"Eu amo váincê, sá dona,
"cum todo êste coração,
"que bate aqui neste peito!
"Não tire paluxo, não!...
"Não me farte cum o arrêspeito!"

O sinhô Carácará,
que já tinha alevantado,
uvíndo eu falá mais arto,
cumo uma onça, n'um sarto,
garrôu na minha gaitinha,
que nem cachôrro inraivado!

Eu fiquei ajuêiádo,
sem pudê arrispirá,
vendo que o hôme quiria
a sanfôninha quebrá!!!

Quando eu disse prô padrinho
que a sua linda afiáda
foi e havéra de sê sêmpe
cá prú mim arrespeitada,
cumo sêmpe arrespeitei,
o raio da iscumungada
me fez cum os dêdo... uma figa,
que eu nem sei cumo fiquei!!

Seu patrão, não digo nada!!!

A muié táva ispritada!!!

O véio tinha o insturmento
alevantado nas mão,
me óiando cumo o capêta,
cum uns óio de sucuri!

Foi quando, entonce, n'um grito,
ela gritou: "Meu padrinho,
"êste hôme sem vrêgonha,
"me achando sòzinha aqui,
"me pidíu uma boquinha,
"me catucou p'ra fugí,
"dizendo umas coisa fêia,
"que váincê nem faz indéa!"

O hôme entonce, o mardito,
cumo uma féra acúáda,
fisgou-me im riba do quengo
a minha gaita adorada!

A minha gaita, a sanfôna
que eu não trocava prú nada!

Quanto tempo, quantas hora,
eu ali fiquei ansim!

E, quando dei fé de mim,
táva no meio do véio
e d'uns cabra da Fazenda,
que o diabo mandou chamá!

Entonce levei no lombo,
levei tanta gurungumba,
cumo se fôsse um zabumba...
tanta corda de crôá,
que se eu vivesse cem ano,
inda guardava siná!!!

Correu prú todo o sertão
que o seu Quinca Micuá
tinha tirado paluxo

cum a dôna!... a *miúdamurzélla,*
afiada do Seu Lótéro!...
A Sá dona Cunceição!

Todo mundo preguntava:
"Cumo é que êsse Micuá,
"um sanfônêro de nôme,
"foi se inxirí cum uma moça,
"que era noiva d'um doutô,
"e afiada desse hôme?!"

Tudo virou contra mim!

Fugi de lá do sertão,
da minha terra!... De lá!!

Despois daquela muxinga,
vim drúmindo pulos mato,
im caminho da cidade,
ispinhando de sôdade
da minha pobre sanfôna,
que lá ficou dispenáda
imbáxo do biribá!

Ai, quantas noite, sosinho,
nos mato da minha terra,
gemendo na sanfôninha,
e de bariga prô á,
óiáva o céu e me ría
de vê cumo as istrelinha
lá no céu táva a sambá!

A vida é um samba, patrão!

Apois, quem é que na vida
samba mais?

É o coração!

Leva a cabeça assuntando
todo o dia, mas porêm,
de noite, vai discançá!

Somentes o coração,
ánte da gente nacê,
inté a gente morrê,
leva a sambá... a sambá!!!

O coração é fié!...

> A cabeça, ai, a cabeça
> é que é maléva e crué!

Foi a cabeça, foi ela
que me perdeu!... me impuiôu!

> Quantas vez o coração
> não chorou... e... arresmungou!

Dêxei a Luiza, a Tudinha,
a Inluminata, a Rosinha,
a Craciúna, a Lulú,
a Bastiana Sanhassú,
a Sanda, a Felicidade,
a Vitóca das Sôdade,
a fía do Zé Chicão,
a Chica do Zé da Serra,
a cabôca mais bunita
dos mato da minha terra...
prú móde dessa murzéla
ou dessa miúdamurzéla,
dessa dôna Cunceição!!!

A Inluminata, a Rosinha,
a Bastiana, a Tudinha,
nenhuma sabía lê!

Mas porêm, p'ra quê? P'rá quê?!

Só p'rá vregônha perdê?!

P'rá jurá farso e mintí?!

P'rá cunvidá p'rá fugí?!

P'rá tê o discaramento
de me querê dishonrá,
pidindo um bêjo, que é coisa
que a gente não deve dá,
sem prêmêro arrecebê
a santa benção de Deus,
n'uma ingrêja, ao pé do artá?!

Tudinha era uma muié
inguinorante, sarvage!...
Tudo o que váincê quisé!!

Mas porêm, meu patrãozinho,
aquilo é que era muié!

Muié, que teve a corage,
a corage, sim, sinhô,
d'uma noite, lá n'um samba,
no meio de tôda a gente,
tirá do pé a chinéla,
a chinéla, Seu doutô,
p'rá me castigá na cara,
só prú via de eu tê dado
p'rá uma cabôca uma frô!

Isso, sim, é que é muié!...
Isso, sim, é que é o amô!!

A outra butou a rosa
nos cabelo, e, orguiósa,
se pôs-se logo a sambá!

Mas porêm, aqui, na cara,
ficou tômbêm outra rosa,
vremêia, grande e férmosa,
a frô da dô de canela,
do disispero do amô,
o siná lá da chinéla,
que tômbêm era uma frô!

> Óie, o ciume é treidô!
> É o fío mais macriado
> que tem a Amizade e o Amô!

Seus pai, o Amô e a Amizade,
tem munta e munta vontade
de vê seu fío inducado!
O minino é discarado!!
Mas porêm, óie!!... é bom fío!

Quando êle vê sua mãe
e seu pai amachucado,
si da muié cá da Côrte
faz um bruto assarvajado,
se faz d'un hôme outro bruto,
crué, disprepositado,
sêje, como eu, um gaitêro,
ou sêje um doutô fromádo,
quanto mais um coração,
um coração de cabôca,
que não foi cirvilizado!?

Pátrão, agora, eu pregunto:
o que era aquilo? O que era?

Vasmincê vai me dizê
que aquilo era estupideza
da muié lá do sertão!...

Que a muié tinha a fêrêza
d'um urutú, d'uma féra!
E vasmincê tem rézão!

Era uma féra, firida
no fundo do coração!

Isto, sim, é que é muié
que sabe, amá, meu patrão!

Vindo do amô, do ciúme,
das mãos do amô, das mão dela,
ánte o siná da chinéla
na cara, cum um bofetão,
que um bêjo, um bêjo de Juda
na boca da Inducação!

A Tudinha não prendeu
a batê língua, ispritada,
cumo essa moça inducada,
que tinha o tempo vadio!...
Mas porêm a Cunceição
não sabia batê roupa,
cumo a Tudinha, a cabôca,
lavando à bêra do rio!!

Eu ánte quiria sê
a pedra adonde lavava
sua roupa a lavadêra,
do que sê todos os livro
que ensinava a Cunceição
p'ra falá tanta porquêra!

A muié mais sem vrêgonha
é a Sinhora Inducação!

Inducação!!? Que hirizia!

Danada! Eu te discunjuro,
im nome da Mãe de Deus,
da Santa Virge Maria!

Os mato, as árve, as choupana,
os rios, os córgo, a boiada,
as roça e mais as quêmada,
o machado, a foice, a inxada,
a lua, as noite istrelada,
as viola e as magua chorada
no coração das tuada,
o canto da passarada...
não pércisa de ti, não!

Inducação!! Prú piadade!

Tu nasceu cá na cidade!!

Não vái mexê cum essa gente
das terra do meu sertão.

Vocabulário

Ganzá — instrumento de fôlha, com pedrinhas dentro.
Tapuio — descendente de índio.
Dos verde — do sertão, dos matos.
Pipóca — milho torrado na cinza.
Fazer cêra — namorar.
Sedenho — cauda do animal.
Amojada — que ia dar à luz.
Passóca — carne seca com farinha, socada no pilão.
Instranja — das terras estrangeiras.
Guarapêra — choça.
Imbuzada — comida do fruto do imbuzeiro e leite.
Tiriúma — desconsolado, desconcertado.
Isgruvitá — fazer piruetas.
Jaráuacica — planta.
Gurumgumba — cacête.
Crôá — corda feita dessa planta.
Barbatão — touro bravio.
Capêta — o diabo.
Vim-Vim — passarinho, cujo canto diz seu nome.
Sarado — experimentado na vida.
Inxirido — intrometido.
Ruê coirana — estar enciumado.
Assuntá — considerar, conversar, pensar, etc.
Muxinga — sóva.
Caxinxe — macaquinho.
Intanha — sapo-boi.
Sucúrújuba — cobra venenosa.
Dôr de canela — ciúme.
Córgo — córrego.
Má de rengo — doença que dá no gado.

Êste marroeiro (môço) vai contar o seu caso a outro marroeiro velho, centenário, celibatário e tocador de viola, como êle.

O "Velho Marroeiro", nôvo poema em resposta a êste, encontra-se no livro "Mata Iluminada".

Esta a razão por que o autor substituiu o vocativo — *Sá dôna* — por — *Marroeiro.*

É a primeira vez que êste poema é publicado na íntegra, sob as vistas do autor.

O Marroeiro

A ALBERTO NUNES FILHO

Sá Dona, eu sou marruêro!...
Nacendo, cumo tinguí,
fui ruim, cumo piranha,
mais pió que sucuri,

Pixúna daquelas banda,
véve a gente a campiá!...
Deus fêz o hôme, Sá Dona,
prá vivê sêmpe a lutá.

Meu pai foi bixo timíve
e eu fui timíve tômbêm!
O pinto já sái do ôvo
cum a pinta que o galo tem.

Se meu pai foi marruêro,
havéra de eu tá na tóca,
a rapá no caitetú
a massa da mandioca?!

Bebedô de maduréba,
pissuindo carne e caroço,
eu nunca vi cabra macho
que me fizesse sobrôço!

Nunca drumí uma noite
imbaxo de tejupá!...
Nací prá vivê nas gróta,
prá vivê nos môcôsá...
prá drumí longe dos rancho,
prú-riba duns gravatá...
vendo a lua pulas fôia
d'um férmôso iriribá!

*

Nos gaio da umarizêra,
o cantá do sanhassú;
na bôca triste da noite,
o gimido da inhabú...

e as tuada da cabôca,
lavando n'água do rio,
e os canto, prú via dela,
nos samba... nos disafio...

nada disso, não, Sá Dona,
me dava sastifação,
cumo o mugido bravio
dos valente barbatão!

Nada fazia, Sá Dona,
o coração me pulá,
cumo uví pulas varjóta,
os berro dos marruá!

*

Na paz de Deus eu vivia
nos brêdo dos matagá,
tocando a minha viola
só prá meu gado iscutá.

Lá, prás banda onde eu naci,
já se falava do amô:
tôdas as bôca dizia
que era farso e matadô!

Mas porêm, foi trazantonte,
no samba do Zé Benito,
que eu panhei uma chifrada
que me deu êsse mardito!

Nas marvadage do Amô
não hai cabra que não cáia,
quando o diabo tira a roupa,
tira o chifre e tira o rabo
prá se vistí c'uma sáia!

Se adisfoiando no samba,
cantando uma alouvação,
eu vi a frô dos cabórge
das morena do sertão!

Trazia dento dos óio
istrépe e mé, cumo a abêia!
Oiôu-me cumo uma onça!...
E, ao despois, cumo uma ovêia!

Aqueles óio xingôso,
eu confesso a vasmincê,
ruía a gente prú dento
que nem dois caxinguêlê!

Sem mardade, um bêjo dado
naquela bôca orvaiada,
havéra de tê, Sá Dona,
o chêro das madrugada!

A fala dela, Sá Dona,
era o gemê do regato,
que vai bêjando as fôiáge,
que cái da bôca dos mato!

As duas rôla morena,
prú baxo do cabeção,
trimia, cumo a água fresca,
quando o vento bêja as água
das lagôa do sertão!...

Pruquê os dois peito alembrava
dois maduro cajá-manga,
e a bôca, tôda vremeia,
parecia uma pitanga.

Chêrava as mão da cabôca,
cumo os verde maturi!...
Era taliquá, Sá Dona,
dois ninho de juruti!

Os pezinho da curumba,
quando dançava o baião,
parecia dois pombinho,
a mariscá pulo chão!

Eu me alembro!... A saia dela,
cô das pena da irêrê,
tinha a sôdade dos mato,
quando vai anoitecê!!

Aquêles braço de fogo,
(Deus não me castigue, não!!)
quêmava, cumo as fuguêra
das noite de São João!...

Sá Dona!... Os cabelo dela
tinha o calô naturá
da pomba virge dos mato,
quando cumeça a aninhá!...

Apois, os cabelo dela
tão preto prô chão caia,
que tôda a frô que butava
nos cabelo, a frô murchava,
pensando que anoiticia!!

O suó que ela suava
no samba, chêrava tanto,
que inté a gente sintia
um chêro de ingreja nova,
um chêro de dia santo!

As anca, as cadêra dela,
surrupiando no côco,
tôda a se tamborilá,
a móde que parecia
o xaquaiá de uma onda,
que vem jupiando, redonda,
na praia se derramá!

Japiaçóca dos bréjo,
no arrastado do rojão,
cantava cum tanta mágoa,
cum tanto amô e paxão,
que ispaiava, no terrêro,
o ôrôma do coração!!

O coração das viola
aparava, de mansinho,
se os dois fióte de rola,
quando ela táva sambando,
pulava fóra do ninho!...

Entonce, aquêles dois óio,
sereno, cumo o luá,
vinha prá riba da gente,
taliquá dois marruá.

Intrava dento da gente,
cumo duas zelação!...
Mas porêm, a gente via,
no fundo daqueles óio,
a hora da Ave-Maria,
gemendo nas corda fria
das viola do sertão!!!

*

Prú móde daqueles óio,
dois marvado mucuim,
um violêro, afulémado,
partiu prá riba de mim!

Temperei minha viola,
intrei logo a puntiá,
e ambos os dois se peguêmo,
n'um disafio, ao luá!

Premeti a Santo Antonio,
se eu vencesse o cantandô,
de infeitá o seu fiínho
cum um ramaiête de frô!!

Só despois que nestas corda
fiz pinto cessá xerêm,
vi que o bichão se chamava:
— Manué Joaquim do Muquêm!

Manué Joaquim era um cabra
naturá de Piancó!...
Quando gimia no *pinho,*
chorava, cumo um jaó!

Eu, Sá Dona, arrespundia
nestas corda de quandú,
e os acalanto se abria,
cumo as frô do imbiruçú!

Foi despois do disafio,
quando eu saí vencedô,
que os canto e os gemê dos *pinho*
n'um turumbamba acabou!!!

Imquanto nós dois cantava,
sem ninguém tê dado fé,
tinha fugido a cabôca
cum o Pedro Cachitoré!!!

Tinha fugido a curumba
cum aquêle bóde ronhêro,
um tocadô de pandêro
e runfadô de zabumba!

Tinha fugido, Sá Dona,
aquela frô dos meus ai,
cumo uma istrêla que foge,
sem se sabê prá onde vai!!!

. . . .
. . . .
. . . .

Na luz do Só, que acordava,
lá, no coró do Nacente,
a móde que Deus, contente,
cum a natureza sonhava!

O canto alegre dos galo
nos capoerão amiudava!...
Nos taquará das lagôa
as saracúra cantava!...

Alegre, passava um bando
das verde maracanã!...
Férmosa, cumo a cabôca,
vinha rompendo a minhã!

O vento manso da serra
vinha acordando os caminho!
Vinha das mata chêrosa
um chêro de passarinho!...

Lá, no fundão d'uma gróta,
adonde um córgo gimía,
gargaiava as siriêma
cum o fresco nacê do dia!

Uma araponga, atrépada
n'um braço de mato, im frô,
gritava, cumo si fôsse
os grito da minha dô!!

E a sabiá, lá nos gaio
da tabibúia, serena,
trinava, cumo si fôsse
uma viola de pena!

Um pássarinho inxirido,
mardosamente iscundido
nas fôia de um tamburi,
sastifeito, mangofando,
de mim se ria, gritando
lá de longe: "bem te vi"!

*

Chegando na incruziada,
despois do dia rompê,
sipurtei o meu segrêdo
n'um véio tronco de ipê!

Dênde essa hora, inté hoje,
eu conto as hora, a pená!...
Eu vórto a sê marruêro!...
Vou vivê cum os marruá!

Eu tinha o corpo fechado
prá tudo o que é marvadez!

Só de surúcúcútinga
eu fui murdido três vez!...

Tândo cum o corpo fechado,
prás feitiçage do Amô,
pensei que eu tava curado!

Dos marruá mais bravio,
que nos grotão derribei,
munta chifrada penosa,
munta marrada eu levei!!

Prá riba de mim, Deus póde
mandá o que êle quisé!

O mundo é grande, Sá Dona!...
Grande é o amô!... Grande é a fé!...

Grande é o pudê de Maria,
ispôsa de São José!...

O Diabo, o Anjo mardito,
foi grande!... Cumo inda é!!

Mas porêm, nada é mais grande,
mais grande que Deus inté,
que uma chifrada, Sá Dona,
dos óio d'uma muié!!!

Vocabulário

Marruá — touro.
Marruêro — pastor do gado.
Tinguí — erva venenosa.
Piranha — peixe mordedor.
Sucuri — cobra.
Pixuna — rato selvagem.
Manduréba — cachaça.
Campiá — andar à busca de gado, pelos campos.
Sobrôço — mêdo.
Tejupá — cobertura de palha.
Mocôsá — caverna.
Barbatão — touro.
Alouvação — canto, louvando alguém.
Cabórge — feitiço.
Istrépe. — espinho.
Caxinguelê — animal roedor.
Baiáo — dansa.
Irerê — ave palmípede.
Japiaçóca — ave ribeirinha.
Rojão — toque de viola.
Zelação — estrêla cadente.
Mucuim — parasita que se introduz na pele.
Afulémado — raivoso.
Puntiá — preludiar na viola.
Pinto cessá xerém — fazer bonito.
Jaó — ave de canto melacólico.
Maracanã — periquito.
Araponga — ave também chamada *Ferreiro,* de grito agudíssimo.
Corpo fechado — aquêle que por meio de rezas e outras superstições, fica isento de mordeduras e feitiços.
Surúcúcútinga — cobra venenosíssima.

O Lenhador

À memória de

PAULO SILVA ARAÚJO

UM LENHADÔ derribava
as árve, sem percizão,
e sêmpe a vó li dizia!
"Meu fio: tem dó das árve,
que as árve tem coração!"

O lenhadô, n'um muchôcho,
e rindo, cumo um sarváge,
dizia que os seus consêio
não passava de bobage.

Às vez, meu branco, o marvado,
acordando munto cedo,
pegava no seu machado,
e levava o dia intêro,
iscangaiando o arvoredo.

E a vó, supricando im vão,
sêmpe, sêmpe li dizia:
"Meu fio: tem dó das árve,
que as árve tem coração!"

N'uma minhã, o mardito,
inda mais bruto que os bruto,
sem fazê caso dos grito
da sua vó, que já tinha

mais de noventa janêro,
botou no chão um ingazêro,
carregadinho de fruto.

D'outra feita, o arrenegado
fez pió, munto pió!
Disgaiou a laranjêra
da pobrezinha da vó,
uma véia laranjêra,
donde ela tirou as frô
prá levá no seu vistido,
quando, virge, si casou
cum o véio, que tanto amou,
cum o difunto... o falicido!!

E a vó, supricando im vão,
sêmpe, sêmpe li dizia:
"Meu fíio: tem dó das árve,
que as árve tem coração!"

Do lado do capinzá,
adonde pastava o gado,
táva um grande e véio ipê,
que o avô tinha prantado.

Despois de levá na roça
c'uma inxada a iscavacá,
debáxo d'aquela sombra,
nas hora quente do dia,
vinha o véio discansá.

Se era noite de luá,
ali, num banco de pedra,
c'uma viola cunversando,
o véio, já caducando,
rasgava o peito a cantá.

Apois, meu branco, o tinhoso,
o bruto, o mau, o tirano,
a féra disnaturada,
um dia jogou no chão
aquela árve sagrada,
que tinha mais de cem ano!

Mas porêm, quando o tinhoso
isgaiava o grande ipê,
viu uns burbuio de sangue
do tronco véio iscorrê!

Sacudiu fóra o machado,
e deu de perna a valê!

E foi correndo!... correndo!!

Cada tronco que ia vendo
das árve que êle torou,
era um braço alevantado
d'um hôme, meio interrado,
a gritá: "Vai-te, marvado!...
Assassino!... Matadô!
Foi Deus quem te castigou!"

E foi correndo!... correndo!!

Cada vez curria mais!

Mas porêm, quando, já longe,
uma vez ôiou prá-trás,
vendo o ipê alevantado,
cumo um hôme insanguentado,
cum os braço todo torado...
cada vez curria mais!

Na barranca do caminho,
abandonado, um ranchinho,
entre os mato entonce viu!
Qué vê se isbarra e discansa
e o ranchinho, prú vingança,
im riba d'êle caiu!

E foi correndo e gritando!
E as árve, que ia tôpando,
e que má pudia vê,
cumo se fôsse arrancada
cum tôda a raiz da terra,
n'uma grande adisparada
ia atrás d'êle a corrê!!

Na bôca da incruziada
vendo uma gruta fechada
de verde capuangá,
o hôme introu pulos mato,
que logo que viu o ingrato,
de mato manso e macio,
ficou sendo um ispinhá!

E foi outra vez correndo,
cansado, pulos caminho!...

Tôda a pranta que incontrava,
o capim que êle pisava
táva crivado de ispinho!!!

Curria.. e não aparava!!!

Ia correndo, sem tino,
cumo o marvado, o assassino,
que um inocente matou!

Mas porêm, na sua frente,
o que êle viu, de repente,
que, de repente, impacou?!

Era um rio que passava,
ali, n'aquele lugá!!
O rio tinha uma ponte,
que nós chamemo — pinguéla...

O hôme foi travessá!
Pôs o pé... Ia passando...
E a ponte rangeu, quebrando...
e toca o bicho a nadá!!!

O bruto tava afogando,
mas porêm, sêmpe gritando:
"Socorro, meu Deus, socorro!
"Socorro, que eu vou morrê!!
"Eu juro a Deus, supricando,
"nunca mais na minha vida
"uma só árve ofendê!!!

Entonce, um verde ingazêro
que táva im riba das águas,
isticou um braço verde,
dando ao hôme a sarvação!

O hôme garrou no gaio,
no gaio cum os dente aférra,
foi assubindo... assubindo...
e quando firmou im terra,
chorava, cumo um jobão!

Bêjando o gaio e chorando
dizia: "Munto obrigado!
"Deus te faça, abençoado,

"todo o ano tê verdô!
"Vou rebentá meu machado!
"Quero isquecê meu passado!
"Não serei mais lenhadô!"

. . . .
. . . .
. . . .

Despois d'esta jura santa
prá tê de tôdas as pranta
a graça, o perdão intêro
dos crime de hôme ruim,
foi se fazê jardinêro,
e não fazia outra coisa
sinão tratá do jardim.

A vó, que já carregava
mais de noventa janêro,
dizia que neste mundo
nunca viu um jardinêro,
que fôsse tão bom ansim!

Drumia tôdas as noite,
dêxando a jinela aberta,
prá iscutá todo o rumô,
e as vez, inté artas hora,
ficava, ali na jinela,
uvíndo o sonho das frô!

De minhã, de minhã cedo,
lá ia sabê das rosa,
dos cravo, das sêmpe-viva,
das manguinolia chêrosa,
se tinha drumido bem!

Tinha cuidado cum as rosa
que munta vó carinhosa
cum os seus netinho não tem!

Dizia a uma frô: "Bom dia!
"Cumo tá hoje vremêia!..."
Dizia a outra: "Coitada!

"Perdeu seu mé!... Foi róbada!
"Já sei quem foi!... Foi a abêia!"

Despois, cum pena das rosa,
que parece que chorava,
batia leve no gaio,
e as rosa disavexava
daqueles pingo de orvaio!

Ia panhando do chão,
as frô que no chão caia!

Despois, cum as costa da mão,
alimpando os pingo d'água
que vinha do coração,
batia im riba do peito,
cumo quem faz cunfissão.

Quando no sino de ingrêja
tocava as Ave-Maria,
nos cantêro, ajueiado,
pidia a Deus pulas arma
das frô, que naquele dia
no jardim tinha interrado!

E agora, quando passava
junto das árve, cantando,

cheio d'água carregando
o seu véio regadô,
as árve, filiz, contente,
que o lenhadô perduava,
no jardinêro atirava
as suas parma de frô!

A Promessa

Ao meu ex-editor
A. J. CASTILHO

A JUANINHA era a morena
mais facêra do lugá.
O pái, o Antonio Preá,
jurava que ela cumigo
nunca havéra de casá.

A mãe, a vó, a madrinha,
o seu capitão Penido,
o pái de todo o sertão,
tudo já tinha pidido!...
E sêmpe o véio, danado,
dizendo: — Não dêxo, não!

Um dia... (Era o mês de Maio!)
a mãezinha da piquena,
que tinha um bom coração,
disse a nós que nós fizesse,
de juêio, uma prémessa
prô milagroso São João.

Apois bem. Dito prú dito.
Juaninha, róbando o santo
do oratóro da mãezinha,
cum o santo iscundido, às pressa,
lá foi se incontrá cumigo
imbáxo d'uma jaquêra,
adonde nós ajustêmo
prá si fazê a prémessa!

Entonce, os dois, ajuêiado,
bêjando o santo infeitado,
tudo que ao Santo eu dizia
a Juaninha arrêpitia.

E foi ansim a prémessa
que ambos os dois nós fazia!

"São João!... São João!... São Joãozinho!...
"Se um dia o véio Preá,
"dexá nós dois se casá,
"nós dois irêmo, juntinho,
"no teu dia abençuado,
"a prêmêra missa uví,
"a missa da minhãzinha,
"no Arraiá, lá na Ingrejinha,
"a duas legua daqui."

Nós acabêmo a prémessa,
chorando de coração!
Juaninha iscondeu o santo
prú báxo do cabeção!

E foi correndo... E já táva
munto pertinho de casa,
quando deu um grito, um ai,
vendo no arpende da choça,
o Antonio Preá — o pai!!

Isfiapando as barba branca,
cum os cabelo arripiado,
o véio táva azougado,
c'uma açoutêra na mão!

Mas porêm vendo a bichinha
cum aquela image sagrada

purriba do coração,
istacou... ficou banzêro!...
Mansinho, cumo um cordero!...
Sem quage pudê falá!

Despois, sungando a açoutêra
prá menina iscurraçá,
quando quis baxá o braço,
ficou cum o braço no á!

A mãezinha de Juaninha,
que vinha lá da cacimba,
vendo o pobre do Preá
e a sua fía a gritá...
foi mêmo quando se bóta
água fria na frevura!

Puxando o braço do véio,
e fazendo uma oração,
o véio arriava o braço,
dizendo, entonce, despois,
que abençuava nós dois,
im nome de São João!!

Tendo sabido de tudo,
ao despois daquele dia,
o seu Preá premitía
que nós fizesse a viage,
a viage de duas legua,
prá cumprí nossa prémessa,
só, nós dois, sem mais ninguém!

Quando a gente se qué bem,
o santo protege o amô!

*

Vinte e três do mês de Junho,
a vespra do grande santo,
filiz e bela chegou!

A noite daquele dia
parece que madrugou!...
Apois o dia, quetinho,
ia morrendo, morrendo,
cumo morre um passarinho.

O dia vinha findando,
quando eu me pus im caminho
prá casinha de Juaninha,
a minha santa noivinha,
que já táva me isperando
im báxo d'um cabuí,
cum um vistido todo novo,
todo gamenho e da cô
das pena do sibiri.

Cum uma frô de tajujá
nos seus cabelo istrelada,
e uma chinela arrendada,
prontinha prá viajá,
táva bunita e pachola,
chêrando mêmo a nuvía,
que não saiu do currá.

Entonce, os dois, eu e ela,
tomando a benção dos véio,
saimo naquela hora,
cum a noitinha, istrada a fora.

No céu, de todos os canto,
prá festa do grande Santo
que bautisou, lá, n'um rio,
o Fío de Deus, seu Fío,
que foi chamado Jesus,
vinha saindo as istrêla,
cumo um bandão de frumiga,
um frumiguêro de luz!

Havia festa no céu!

Nenhuma istrêla prá festa
tinha fartado!... Nenhuma!

A lua vinha lavando
o argudão branco das nuve,
cumo uma bola de iscuma!

E ôiando a lua e as istrêla,
a gente foi caminhando!

Quando cheguêmo na ponte
chamada — As cinco Manguêra —
vimo a prêmêra fuguêra,
que ispaiava uma puêra
de sangue vivo e vremêio,
cumo as fruta do café!

Na sôdade dos gimido
das prima, sêmpe maguada,
já nós uvía da istrada
esta sôdosa tuada,
no samba do Catolé.

CANTO

1.º

"Vamo, vamo, minha gente,
"tôca a rí, tóca a sambá!
"São João gosta da gente
"prá seu dia festejá!"

CÔRO

— Aruhê! Aruhá!...
— Prá seu dia festejá!...

CANTO

2.º

"Esta noite tá chêrando,
"cumo um jasmim generá!
"Cumo é gostoso um abraço
"n'uma noite de luá!"

CÔRO

— Aruhê!... Aruhá!...
— N'uma noite de luá.

. . . .
. . . .

E nós fumo caminhando!...
Caminhando!... Mas porêm,
quando a gente si assumia
n'um cutuvelo da istrada,
outra fuguêra assanhada,
cô da pele das cabôca,
ardia na incruziada!

E ansim, naquele papougo,
alevantando prás nuve
o seu penacho de fogo,
inluminando o arvoredo,
todo o mato do sertão,
parece inté que quiria
quêmá toda a mataria,
im louvô de São João!

Era a fuguêra mais grande
da casa do capitão.
Im roda do fugaréo,
os moço, as moça, as famía,
d'um lado e d'outro curria,
imquanto lá, no terrêro,
imbaxo d'uma latada,
o capitão e os mais véio
cumía batata assada,
cana doce, macachêra,
e o mío verde, que chêra,
cumo o chêroso aluá!

Nas água d'uma bacia,
as moça a cara ispiava,
prá sabê si no outro ano
o Santo ainda dêxava
sua festa festejá!

Quebrando as outra a quilára
d'um ôvo, n'um copo d'agua,
quiría sabê si a sorte
li dáva o noivo da morte,
ou um noivo de si casá.

Um bando de sertanejo,
cum as viola tôda infeitada,
prá festa do seu Penido
passava lá pula istrada,
cantando uns canto tão lindo,
que fêz a gente apará!

Era o Chico Cambaxirra,
o namorado da Quima,
que ia na frente, a cantá.

CÔRO

"Adeus, Quima, adeus, Quima!...
"Vou tôda a noite
"gemê na prima!

CANTO

"Tu foi prá festa
"Do Zé Biribita,
"tôda vistida de nôvo e bunita!

"Ai, quem me déra,
"meu bem, ladrãozinho,
"que eu fôsse as fita
"do teu vistidinho!

"Si arguem quisé
"sambá cumtigo,
"pensa im mim!...
"Não samba, não!

"Óia, si tu quebra a prémessa,
"te castiga São João!"

. . . .
. . . .
. . . .

Nós passêmo pula casa
do capitão, iscundido,
apois, se êle visse a gente,
seria entonce percizo
eu li contá todo o cauzo,
há dois mês assucidido.

Quando pisêmo a varjóta,
o quilarão da fuguêra,
que já ia si assumindo,
foi pouco a pouco... foi indo...
inté que infim... si apagou.

Lá, na quebrada da serra,
um galo cocoricou!

E a gente foi caminhando!...

Mas porêm o sete istrêlo
lá no céu táva briando.

Despois de passá no acêro,
mais a chapada e os grotão,
vímo uma choça e um brazêro,
e um hôme, só, na viola
cantando êstes pé de verso,
cheio de amô e paxão.

A casinha era tão triste,
mas porêm limpinha e bela!

Se a Sôdade tem morada,
deve morá n'uma casa,
só e triste, cumo aquela!!

E o hôme dizia ansim: —

CANTO

"Levei três mês iscavando
"uma cacimba bem funda,
"prá meu roçado móiá!
"Mas porêm, já tão cansado,
"prú mais que a terra iscavasse,
"não achei d'água siná!

"Há munto tempo, cabôca,
"cum a inxada da minha mágua,
"eu cavo im teu coração,
"im teu coração tão seco,
"que não dá um pingo d'agua,
"nem um só, prú cumpaxão!

"Há munto tempo o roçado
"já morreu isturricado!
"Já não sabe o que é pená!
"E a minha dô inda cava
"na cacimba do teu peito...
"E continúa a cavá!"

E lá ficou saluçando
na viola, a puntiá!

Ainda agora eu jurava
que o hôme que ansim cantava,
era a Sôdade a cantá!

Eu caminhava, assuntando
naquelas coisa que o hôme
táva ali, triste, cantando,
quando, chegando na Ponta
da Pedra, im Santa Luzia,
outra fuguêra indiabrada,
rôxa, cumo as madrugada,
fogo e fumaça cuspia,
e já de longe se uvia
o baticum do xerêm,
do côco e do miudinho,
no meio da gritaria!!!

As parma agora istralava
e os hôme e as muié gritava: —
— Olá!... Olé! Olarí!
— Cala a boca, minha gente!
— Vái cantá o Bemteví. —

Bemtevi era um cafuso
que vêio de Pernambuco,
e andava meio maluco,
despois que a Juana dos Pato
prú via dele morreu.

As língua tôda dizia
que o cabra sussúárána,
prú via lá d'uma cêra,
tinha matado a Juana,
e, despois, indoideceu!

Só cantava esta tuáda
— *o canto do bemteví* —
que eu vou dizê, mas porêm
não sei si já me isquicí.

CÔRO

— Gentes, eu vou me imbora!
— Eu já não posso mais, não!
— É só prú via d'um pásso.
— que eu me vou cá do sertão.
Ah! Ah! Ah! Não se ria, não! —

CANTO

"Já não posso nos caminho
"vê uma muié passá,
"que êsse cabra, sem vregonha,
"não pegue logo a gritá!!!
"Ih! Ih!
"Oh, que marvado bemteví!

CÔRO

— Gentes, eu vou me imbora etc. —

CANTO

"Bem me disse, siturdia,
"a Josepha Caprimbú
"que essa pásso era afiádo
"de curuja e de aribú!
"Eh! Eh!
"Quem é que póde me valê!

CÔRO

— Gentes etc. —

CANTO

"Mariquinha Bruzundanga
"bem me disse e eu creditei,
"que êsse pásso era o isprito
"da muié, que iscurracei!"
Ah!... Ah!... Ah!...
Pode sê!...
Quem sabe lá!

CÔRO

— Gentes etc. —

CANTO

Trazantônte eu isperava
Miquilina Cumzambê,
iscundido lá nos mato,
prá um segrêdo li dizê!
    Ih!... Ih!...
Lá suviava o bemteví!

CÔRO

— Gentes etc. —

CANTO

Quando um tiro bem certêro
te jogá mêmo no chão,
eu entonce hei de dizê
te isfrangaiando o coração!
    Ri!... Ri!... Ri!...
    Disgraçado bemtevi!

CÔRO

— Gentes etc. —

E as parma istralou de nôvo
e era um barúio inferná!
O istralado da fuguêra,
que era feita das madêra
mais dura de si quêmá!...
O bate bôca dos hôme
e das muié, que um instantinho
não cessava de falá!...
E mais os grito, a chalaça!...

A manduréba!... A cachaça!...
E o chêrinho das cabôca...
E o ôrôma do macassá!...

Era um barúio inferná!

Dois cabra que tinha vindo
de longe e que era mais duro
que o tronco das carnaúba,
ia agora si isbarrá!!

Era o grande disafio
do Bastião Bacatuba
e do Pedro Sabiá!

Era um barúio inferná!

As cabôca mais bunita
dizia que o Bacatuba
tinha um chamêgo istourado
pula cabôca Jovita!

Mas porêm ninguém sabia,
prá si falá cum verdade,
quá dos dois ela quiria.

Essa muié tanjúra
era uma frô da sôdade,
mas porêm que só si abria
im riba das sipurtura.

Despois é que eu me alembrei
que ali morava a tapuia
mais bunita e mais fermosa
daquelas banda, chamada: —
Jovita Bôca de Rosa.

Sarafina Bêja-Frô,
Reimundinha das Inháca,
Girtrude do Zé dos Côvo,
a Mariquinha Macaca,
Vitóca, Chica Bemvinda,
Maria da Cunceição,
Lolóca, frô das viola...
Quitéra dos Maracá...
imquanto um bando gritava: —
Viva! Viva o Bacatuba!
Logo o outro arrespundia: —
Viva o Pedro Sabiá!!!

Seu Bacatuba — o facêro —
entonce cantou prêmêro:

DESAFIO

BACATUBA:

Minha viola morena
é uma gaiola de pinho,
adonde canta e saluça
tudo quanto é passarinho!

SABIÁ:

Tôda viola foi árve,
que o machado derribou!
Prú via disso ela canta
o que dos pásso iscutou.

BACATUBA:

Isso é mintira, seu Pedro!
Vassuncê é um bôbaião!

A viola só acumpanha!
Quem chóra é o meu coração!

SABIÁ:

Eu arripito, sem mêdo,
que a viola, sim, sinhô,
já foi árve e agora canta
o que dos pásso iscutou.

BACATUBA:

Sem os dedo, que nas corda
sabe gemê cum carinho,
que seria da viola?!
Gaiola sem passarinho!

SABIÁ:

Seu Bacatuba, um violêro,
cumo é tu, que eu não sei, não,
não martráta uma viola,
que tem arma e coração.

BACATUBA:

Si eu martratasse a viola,
inda tinha duas mão,
prá pidí perdão as corda,
fazendo a minha oração.

SABIÁ:

Eu amo tanto a viola,
minha dô, minha aligria,
cumo adóro, rézo e canto
à Santa Virge Maria!

BACATUBA:

A viola que eu mais adóro,
a mais férmosa que eu vi,
é um diabo que veste saia,
e não tá longe d'aqui!

SABIÁ:

Cabôco, si tu é hôme,
cospe fóra e abre a bôca,
prá dizê cumo si chama
o nome dessa cabôca.

BACATUBA:

Seu cabra, eu não tenho mêdo
da cobra mais venenosa!
Essa cabôca si chama: —
Jovita Bôca de Rosa...

. . . .

Quando o cabra disse o nôme
da cabôca mais quirida,
mais fermosa do sertão,
se apagou-se os candiêro!...
Virou tudo n'um sarcêro!...
Foi tudo dos pé prás mão!

E entonce foi cacetada!...
E foi cabeça quebrada!

Gemeu a faca de arrasto
e a parnaíba matrêra,
que nós dois, numa carrêra,
fugímo logo d'ali,
prá discansá, lá, distante,
n'um campo de mata-pasto,
imbaxo d'um imbuí!

Naquela sombra da noite,
só se uvia a quéda d'água
dispencando do penêdo,
contando às fôia dos mato
a história da sua mágua,
no sangue branco das água,
que era o sangue do rochedo.

Ali, imquanto, assentado,
eu uvía a gargaiada
das água, que não si via,
e Juaninha, inda cansada,
do sarcêro lá do samba
ria, ria, ria, ria,
o nosso amô, cumo um fruto,
no peito amadurecia!

Quanto tempo nós tivêmo
uvíndo a musga chorosa
dos matagá, que gimia!

Mas porêm era perciso
saí daquela parage,
prá gente chegá mais cêdo
no fim da nossa viage!

Despois de mais de uma hora
d'outra boa caminhada,
quando a gente ia trócêndo,
prá caí n'uma baxáda...
ánte de intrá pula istrada
de terra sêca e areosa,
outra fuguêra bunita,
que paricia uma rosa,
si abria n'uma istralada.

Os cabôco e as cabôquinha,
apostando na carrêra,
sartava dos quatro lado,
fazendo cruz na fuguêra.

Um tropêro acachimbado,
cum as barba cô de timbó,
um cabra distabócado,
cum os óio, cumo socó,
um comboêro sestroso,
cum um nariz incurujado,
tocando o pife, o zabumba,
e gemendo no ganzá,
era os três musgo da festa,
prôs cunvidado sambá.

São João im riba da mesa,
n'uma montanha de frô,
paricia tá gostando
de vê o samba isquentando,
e uví êstes pé de verso,
que cantava um cantadô.

Era um cabra apaxonado,
cum uma viola abraçado,
cantando quáge chorando,
vendo a cabôca sambando,
vendo sambando a Lionô!

CANTO

"Ai, tem pena do pobre,
      Lionô,
do meu coração,
      Lionô,
que cum tantas pena, Lionô,
não avôa, não, Lionô,

que cum tantas pena, Lionô,
não avôa, não, Lionô!...

———

Dansa, dansa, cabôca, Lionô!
Não apára, não, Lionô!
Si tu tem piádade, Lionô!...
do meu coração!... Lionô!
É S. João quem péde,
    Lionô,
pula Virge Cunceição!...
E eu te peço pulo amô,
pulo amô de São João!

———

Todo o pásso avôa,
    Lionô,
cá no teu e meu sertão!...
Pruquê não avôa, Lionô,
êsse pásso — o Coração?!
Prá quê tantas pena, Lionô?!
Tantas pena, im vão?...
    Lionô!!
Pruquê não avôa, Lionô,
êsse pásso — o coração?!!

———

Mas porêm... apára!... Lionô!...
Ai, não dansa, minha frô!
Não machuca a minha dô!...
Dêxa o coração im paz!...
Dêxa o coração im paz!...
Mas porêm... Requebra mais!...
    Lionô!!
        Lionô!!"

. . . .

No coração do cabôco,
que supricava a Lionô,
eu via o que ninguém vía:
— outra fuguêra que ardia,
e era a fuguêra do Amô!
Sim!... A fuguêra do Amô!

Pruquê, longe, munto longe,
vremêia, cumo a rumã,
lá, im riba da montanha,
na hora im que o Só nacia,
a mão de Deus acindia
a fuguêra da minhã!

Juaninha me catucando,
me disse entonce: "Juanico,
é percizo andá de préssa!...
Óia a prémessa, a prémessa!"

E a gente apressêmo o passo!
E a gente andemo deprêssa!

Apois, linda e bunitinha,
já se inxergava a Ingrêjinha,
adonde filiz nós vinha,
prá cumprí nossa prémessa!

O *Só,* férmoso e tão lindo,
cumo uma lua de fôgo,
ia assubindo!.... assubindo!

Um ventozinho mimoso,
nas mata verde bulindo,
passava todo chêrôso,
as fôia sêca das árve

pulos campo sacudindo!...
Fazendo as fôia das árve
dansá na istrada o xerêm,
cumo se aquêle ventinho
fôsse brincando prá ingrêja
uví a missa tombêm!

Que ventozinho tão lindo!

E o *Só,* mais mêno vremêio,
ia assubindo... assubindo!

Mas porêm, nós impaquêmo,
prá um disafio iscutá
de dois cabra tupetudo,
que se danava a cantá!

Um, nos gaio da aruêra,
outro, n'uma laranjêra,
e um cabra era o pintasirgo,
e outro cabra o sabiá.

Só prá uví o disafio
dos dois pásso famanado,
o rio táva aparado,
sem uma arruga, que, inté,
paricia de tão branco,
entre o verdô das foiáge,
— uma fôia de papé.

Mais adiente, um riachinho,
um rio piquinininho,
vinha correndo, aos pulinho,
cheio de amô e tristeza,
sartando, de quando im quando,
fazendo renda nas pedra
e disfraçando a pobreza!

Quantas fulô piquinina
ria prá gente iscundida
entre o verdô das campina!

Quando um hôme do sertão,
passando, vê uma frô,
não panha a fulô cum a mão!...
Apára e, despois, siguindo,
leva a frô no pensamento
e o ôrôma no coração!

Era impussive, despois,
dizê às vez que nós dois
tinha aparado prá vê:
duas rolinha dengosa
pulas pedrinha a corrê!...
Uma graúna!... um xenxéu!
Um azulão, que parece
que tinha manchado as pena
nas nuve azú lá do céu!!

Um cancão!... Um guanumbi!...
Um bando de juruti!...
Um tiê-sangue!... Uma chóca!...
As inhambú!... As piaçóca!...
Um sofrêu!... Mais um vim-vim!...
Um cara-suja, bebendo
o sereno do capim!...
Mais um galo de campina!...
E tanta coisa divina!...
Um carro de boi cantando,
e os boiadêro gritando: —

"Vamo! Vamo, Lapiado!
"Istrêla!... Toma cuidado!...
"Dêxa o capim, Bêja Frô!..."

E outras tanta maravia
daquele nacê do dia!...
Daquela minhã de amô!!!

Pulas arêia da istrada,
cum as cara tôda impuêrada
de tôda a noite sambá,
um dispotismo de gente,
cum os tapiruca na frente,
vinha imbolando, a cantá!

CANTO

"Lá no azú do céu
tanta luz brotou!
Minha istrêla d'arva
já se apagou!

Vem nacendo o dia
cum tanto amô!
São João naceu,
cumo um pé de frô!..."

. . . .
. . . .
. . . .

N'isto, um bando de fuguête
as nuve do céu furava,
e o sino lá da capela,
cumo um doido, xocaiava,
imquanto um bandão de gente,
que era a gente sertaneja,
gritando o nome do santo
e acumpanhando uma musga,
vinha saindo da ingrêja!

Juaninha, cumo eu, curpada,
tapando os óio, baxinho
me xingando, invregonhada,
se assentou-se, saluçando,
n'uma pedra do caminho!

Prú via de tanta festa,
de tanta musga e fuguêra,
que fêz nós dois se atrasá,
nós não cumprimo a prémessa
do Santinho, tão quirido,
apois nós tinha perdido
a missa da minhãzinha,
na Ingrejinha do Arraiá!

Juaninha entonce chorava,
me xingando cum carinho,
assentada, saluçando,
lá na pedra do caminho!

Vendo a bichinha chorando,
eu sinti munta aligria!
Criança que nace e chora,
é criança que tá sadia!
Entonce eu disse: Juaninha!...
Tem fé no Santo!... De juêio,
péde cumigo perdão!

E ela chorava!... chorava!...
E os dois óio, cheio d'água,
era duas cacimbinha,
quando chove no verão!

Foi quando nós ajuêiemo
prá fazê nossa oração!

"Meu Santo! Pru caridade!
Tem compaxão! Tem piadade!
Não castiga a gente, não!
Tua noite é tão bunita,
que inté a gente se isquece
das suas obrigação!!!"

Apois, no Rêno Sagrado,
Nosso Sinhô Jesú Cristo
prá sêmpe sêje alouvado!!!

....
....

Quando nós dois, ajuêiado,
cumo quem faz cunfissão,
óiando prô céu chorando,
rezando, cum fé rezando,
pidia ao Santo perdão,
a gente viu, munto longe,
lá prás banda do nacente,
o Santo rindo prá gente,
cum um carnêrinho na mão!!!

Chico Mironga, o passador de gado, a convite do seu compadre Dezidério, vem, dos fundos sertões do Norte, ver a Capital Federal. *Furioso* com o que seu compadre lhe mostrou, em poucos dias, volta, desiludido para o sertão. Ao chegar na roça, na casa do coronel e de seu filho, no meio de todos os habitantes daquela localidade e acedendo às exigências do coronel, do doutor e de todos os presentes, conta o que viu, ouviu e sentiu na grande Capital.

O Passador de Gado

AOS DRS. AFONSO MAC-DOWELL
E GALDINO TRAVASSOS

O Pé de Pato, o Capêta,
me adiscurpe o Seu doutô,
d'esta viage mardita
foi, tarvez, o causadô.

Seu coroné não magina,
e nem póde maginá
o que eu passei na bestêra
da Capitá Federá!

Meu cumpade Dizidéro,
somentes prá me impuiá,
má cheguei, me foi pinxando
lá prá Avinida Cintrá.

Entre aquêle frumiguêro,
Seu doutô, fiquei bestando,
vendo aquelas casa tôda
uma na outra atrepando.

Aquêles impalamado,
cum cara de matruá,
faz aquela giringonça
só cum priguiça de andá.

Do meu mucambo ao cambêmbe
do Trancoso das Farrage,
digo a Vossa Sinhoria
que é três dias de viage.

De tanto oiá prás artura,
Seu doutô, fiquei duente!!
Não sei cumo aquelas casa
não cai im riba da gente!

Lá, naquele turumbamba,
treçuêro jupiá,
me preguntou Dizidéro
pruquê é que eu táva a chorá!!!

No meio daquela izórde,
de todo aquêle rumô,
que sôdade da boiada!...
Cum perdão do Seu doutô!!

Quando eu vi a hirizia
de tanta quilaridade,
dos candiêro de azeite,
Seu doutô, quanta sôdade!

Tive sôdade da lua,
da lua assertanejada,
que parece uma tijela
tôda cheia de quaiáda!

*

Prá contentá Dizidéro,
digo a Vossa Sinhoria
que intrêmo n'uma armanjarra,
chamada: Cunfeituria.

Veio um hôme rompe-rasga,
cum cara de socóboi,
trazendo dois copo cheio
de baba branca de boi!

Era o sarvete!!! E o mardito
que gosto ruim que tinha!!
Seu Coroné: que alembrança
eu tive da sinházinha!!

Tive sêde!... Água me déro!!
Seu Coroné póde crê: —
que sôdade das cacimba,
onde a lua vai bebê!!

*

Vendo aquelas vistimenta
das muié, que anda prú lá,
eu preguntei ao cumpade
si aquilo era o Carnavá!

Apois, as muié passava
cum as cara tôda impuerada,
carregando na cabeça
umas coisa cumpricada!!!

Argumas inté fazia
de longe os hôme apará!
Todo o mundo táva óiando!...
Eu tombêm fui ispiá!
Mas porêm, fechei os óio!
Tive vrégonha de óiá!...

Vasmincê qué que eu lhe fale
lá da Avinida Cintrá?!

É os hôme, d'aqui prá lá,
no sucáro das muié,
n'uma grande atrapaiada,
fazendo váincê pensá
que táva nos matagá,
vendo o arranco da boiada!

Era mió que êsses hôme
tivesse no meu sertão
trabaiando cum uma inxada!!

*

O cumpade me levou
n'uma casa paricida
gaiola de papagaio,
que tá no fim da Avinida.

Um hôme táva lá dento
cum um papé véio na mão,
martratando os outro hôme,
e a dizê uns palavrão!...
A chamá os cumpanhêro
de discarado e ladrão!

De repente, aquela joça,
que eu não sabia o que é,

lá virou num *bate-bôca*
de fardunço de muié!!!

Preguntando a Dizidéro
se era ali que era o mercado,
cumpade disse que eu táva
na Cambra dos Diputado!!!
Saí d'ali a corrê
cumo um cavalo isquipado!...

*

Fui vê uma inspuzição
dos pintô mais famanado!...
Fui assubindo uns banquinho!...
Cheguei im riba cansado!...
Mas porêm, pulas parede,
só vi uns papé borrado!

Mió que aquelas borráge
d'aquelas pinturaria,
cá, no céu da nossa terra,
a gente vê todo o dia!

Apois, que pintô no mundo
pinta um quadro mais mió,
que Deus pinta dos dois lado,
donde náce e morre o *Só!!?*

*

Não sastifeito o cumpade,
nós fumo ao Municipá,
vê um hôme intaliano,
chamado — Tenô, cantá.

Gritei, seu doutô, no meio
daquela gente instrangêra,

que o Tenô táva bem longe
do cantadô do sertão: —
O Inaço da Catinguêra!!

E uma muié assoprano,
(que eu não vi nada assoprá!!)...
Seu doutô, Seu coroné,
era uma gata a miá

Um cara de bóde véio,
cum um quirim fixe na mão,
táva danado cum os musgo,
n'uma grande afobação!

Entonce, quando o Tenô
xingava o tá Baritáno,
pru via d'uma questã
que êle teve cum a Assoprano,
que era fia d'uma érmã
d'um hôme chamado Baxo,
— um marruá de cupim,
cum cara de mamão macho...
Quando os hôme e as muié
que saía lá de dento
cumeçou tudo a gritá,
foi o diacho d'um berrêro,
que nem cem boi rebolêro,
que se danasse a berrá!

Apois, na órxestra dos musgo,
ali, naquela bestêra,
naquela carangajóla,
Seu doutô, não vi um hôme
puntiando na vióla!!!

Triato e musga prú musga,
eu tenho cá na umburana,

que sacóde a sombra verde
na minha véia choupana!...

Pintasirgo, Gaturamo,
Quero-Quero, Chorôrão,
Viuvinha e Patativa,

Curió, Sanã, Cancão,
Graúna, Azulão, Pipira,
o Canaro apaxonado...
tudo canta na umburana,
que é um triato infóiado!!

Deitado im minha tipoia,
eu vejo ao longe passá,
entre as moita de môfumbo,
Mariquinha Quixadá!

Ela inda vem munto longe,
lá, pulo jacatirão,
e eu tôu sintindo as pisada
da musga no coração!

Me diga o Seu Coroné
se tem um Municipá
mais lindo que o mato verde,
n'uma noite de luá?!

*

No dia que Dizidéro,
que é um rapaz adivirtido,
me levou dento d'um báilum...
Fiquei de quexo caído!

Eu vi os hôme varsando
cum as muié, peito cum peito,

a cuchichá nos uvido
umas farta de arrespeito!

Se vasmincê visse um dia,
na bêrada do caminho,
uma cabôca sambando,
na porta do mucambinho,
parecendo a pecuapá,
que vem saindo do ninho;
alevantando os pontinho
da saia, óiando prô chão,
e amostrando os dois "bichinho"
prú baxo do cabeção,
vasmincê, que já tá véio,
e já não sabe chorá,
havéra de vê dos óio
as lágrima arrebentá!

*

D'uma feita, Dizidéro
táva ispiando um papéu,
quando iscutei um baruio
lá munto im riba do céu!

Era um bicho arriziguento
que vinha vindo dos fundo
das artura, taliquá
um aribú do outro mundo!

Seu Coroné!... Quage eu morro,
a tremê ansim... ansim,
quando eu vi um ôtrômóve,
avuando im riba de mim!!!

*

Era um sábbo. Dizidéro
intrando n'uma vendinha,
que lá se chama café,
me disse que ia falá...
no... não me posso alembrá!

Dêxe vê!... O nome é...
É uma cáxa de segrêdo,
tendo im ribá dois xucáio,
uma ôrêia e um uvido,
e, cumo pinduricaio,
um osso preto e pintado,
rombôio, fino e cumprido!

E ao despois de batê língua
c'um cirdadão, que eu não vi,
cumpade disse: Mironga,
apousa o uvido aqui!!

Aposei e arguém falou!...

Ah! Nhôr sim, Seu Coroné!...
Quage morri de pavô!
Apois juro, se quisé,
que uvi a voz do difunto
Zé Craváio, o meu avô!!

*

D'outra feita... Agora aquilo
já não fiz caso de vê!
Era um caxote quadrado,
tinha um nome acanáiádo,
que eu aqui não vou dizê!
Esse trombôio que eu vi,
tinha prú riba um funi!

Cumpade mêxeu num ferro...
butou um ispinho no tá...
Diasfraga!... Vêje lá!
(Outro nome, seu doutô,
que ofende agora a morá!)
Meteu um ispinho na roda,
e a roda pôs-se a rodá!

Ora, perdão, Seu doutô!
Ia dizendo um istrupicio,
que inté nem é bom falá!

Aquela musga im conserva,
que táva ali conservada,
era aquela atrapaiada
que eu vi no Municipá!!!

*

Outra coisa que eu não vi
foi o tá *Sinhô Aéro*
dos Pão de Assúca de lá,
que, cumo disse o cumpade,
andando im riba do fio,
leva a gente pulo á!

Ah! Nhôr sim, Seu Coroné!
Se êsse pai ruim, crué,
anda im riba do seu fio,
sem piadade, sem tê dó,
cumigo, entonce, é capaz
de fazê munto pió!!!

Nós fumo vê um Cinima,
que se paga dez tustão,
e onde os hôme bate bôca,
mas porêm, sem falação!!

A gente nos assentemo
n'um lugá munto ruim!!!
Duas muié do meu lado
óiava e ria prá mim!!

Despois, de repentemente,
sem se isperá, sim, Sinhô,
pára a musga e os candiêro
n'um assôpro si apagou!

Sintindo aqui pulas perna
uns movimento de mão,
Seu doutô, dei de canela,
e fugí, cumo um ladrão,
jurgando que aquilo tudo
era arguma assombração!

Quando, na rua, o cumpade,
gargaiando, me incontrou,
entonce a pouca vregonha
da assombração me ixpricou!!

*

Prá minha história acabá,
iscute lá, Seu doutô,
o que eu vi de mais mió
na Capitá Federá!

Cum licença. Dizidéro,
tarvez prá me arriliá,
me levou n'outro triato,
que tinha o nome d'um Santo,
e que se diz lá na Côrte
que é o triato mais populá.

Fica quáge im frente a um hôme
cum um braço têzo, amuntado
n'um cavalo isquipadô,
cum um trapo véio na mão
e um chapéu acanôado,
chamando a gente afôbado,
não sei prá que, Seu doutô!

Me dissêro que êsse cabra
era um Rei e pai do fío
que os tá de repubricano
lá da Côrte iscurraçou!

Fôsse um Rei ou cirdadão,
dêxêmo o hôme vistido
cum a sua roupa de couro,
amuntado im seu cavalo,
cum parte de valentão!

Vamo ao triato...

Um cara de come-longe,
que tava na jinelinha,
arrecebeu três mí ré
e despois deu prô cumpade
dois pedaço de papé!!

Mais prá adiente, outro bóde,
que táva n'uma portêra,
um carrascão, um fubêra,
que não tinha inducação,
na cara de Dizidéro
rompeu os papé cum as mão!!

Oiôu prá mim... prô cumpade,
e só prú munto favô
deu prá gente a outra ametade!

Que trabaião dos diabo,
prá nós dois pudê intrá!
Um, impurrava prá ali,
outro, impurrava prá lá!!

Quando eu pus o pé lá dento,
suáva, cumo um animá!

Despois, tocando um xucáio,
quando o Cabeça dos musgo
fêz cum a varinha um siná,
a canaiáda dos musgo
cumeçou tudo a tocá!!

Uma corcha de retaio
foi assubindo, assubindo,
lá prá riba... na carrêra!

Vêio um hôme lá de dento,
e cumeçou a dizê
tanta e tanta bandaiêra,
que, se não fôsse o cumpade,
eu disparava a corrê!!

Despois!... Despois!... Meu Sinhô!...
Era demais!... Seu doutô!...
Butei o chapéu de couro
na cabeça e fui me imbora!

Sim, Seu doutô, fui me imbóra!

Eu sou chefe de famía,
pai de dois fío e três fía!

Vim vê os hôme inducado,
e não, gastá meu dinhêro,
prá vê canela de fora!...

Deus me perdôe!!! O triato
se chamava — São José!!

Ora vêje, Meu Sinhô!
Se eu fôsse cum a Furtunata,
a minha santa muié!!!

Seu doutô! Seu Coroné!!

Nós tâmo no mês da férra!
Aminhã, de minhã cêdo,
vórto, a pé, prá minha terra!

Mais um dia que eu ficasse
cum aquela gente curinga,
eu vórto inda mais fino,
que cipó pirapitinga!

Agora posso morrê!!
Já sastifiz meu desejo!
Vi o pôgresso dos hôme,
que si ri dos sertanejo!

O pôgresso dessa gente,
que se diz gente inducada,
eu só vi, Seu coroné,
prú fóra!!... Prú dento?!! Nada!!

*

Se a gente sai da Avinida,
tópando pulos caminho
uns hôme pidindo ismola,
prá levá pão prôs fiínho!...

Mais adiente, outros hôme,
nas carcaçada, quáge nú,

amostrando umas firída,
cuberta de tapurú!...

Se nessa idade im que ainda
não namora uma cabôca,
eu vi uns anjo perdido!...
Seu doutô!... Cala-te, bôca!...

Se os hôme, cumo o cumpade
leu na porta d'um jorná,
táva insanguentando a terra,
na bestêra d'uma guerra,
lá prá outras banda do *Má!!!*...

Vale mais do que os Órópa,
do que a Avinida Cintrá,
(que, cum todo o seu pôgresso,
não se pode cumpará
cum as Avinida dos mato
da minha terra natá,
adonde as casa de páia,
que as Avinida não tem,
parece o currá sagrado,
adonde, im meio do gado,
naceu Jesus, im Belem!...)

vale mais que os mata-gente
dos bonde, sem pangaré,
e os ôtrômove, bufando
cum os mardito dos chôfé...

vale mais que essa porquêra
da tá Cirvilização,
— um carro de boi, *cantando*
pulos mato do sertão!!!

O João Branco, *do* "O Sertão em Flôr", *é o complemento dêste poema.*

Vocabulário

Pé de pato — o diabo.
Capêta — o diabo.
Pinxá — empurrar.
Impalamado — amarelo, opilado.
Matruá — bôbo.
Mucambo — choça.
Jupiá — redemoinho.
Sinhaninha — cachaça.
Rebôlero — arisco.
Umburana — árvore da família das terebintáceas.
Tipóia — rêde.
Curinga — pelintra.
Pangaré — cavalo magro.
Come-longe — faminto.
Mês da Férra — mês em que se ferram os animais.
Ináço da Catinguêra — afamado cantador do sertão, nascido na localidade que tem o nome de *Catingueira,* na Paraíba.

Teatro São José. — O antigo teatro da Emprêsa Paschoal Segreto, onde foi representada uma peça do autor, fazendo êle o papel do protagonista, em que, com extraordinário sucesso, declamou o seu famoso poema "O Marroeiro". Com raríssimas exceções, era êsse o teatro das brejerices e licenciosidades.

A Vaquejada

Ao DR. ANÍBAL PEREIRA

FOI COISA d'uns vinte ano.

*

Na Fazenda do Moitão,
eu fiz, n'uma vaquêjada,
a mais grande das currida
dos sertão do meu sertão.

Mais de vinte boiadêro,
vindo de todo lugá,
tinha chegado de fóra
prá péga do boi-Crôá.

Ha munto tempo êle andava,
pulos mato amucambado,
disafiando os vaquêro
da minha terra natá.

Bôca Negra, Chico Québra,
Liôpôrdo Cabêça Sêca,
Zé Braúna, Mãoquitóla,
João Furréca, Zé Cachimbo,
Manué Francisco Pelado...
os cabra mais surungado,
chegava naquele dia
prá péga do arrenegado,
o boi de mais arrilia!

João Peráo, que era um vaquêro
de mais de oitenta janêro,
nacido no Ciará,
inda sendo chamurrinho,
tinha insinado o boizinho
prá não dexá se pegá.

Aquêle boi rebolêro
nunca têve no currá.

João Peráo era o avô
d'uma linda cabrochinha
d'uns óio munto quiláro
e uma bunita carinha,
que tinha o nome de — Amparo,
mas porêm que era chamada
lá na Fazenda: — A Lindinha.

O véio, que, no seu tempo,
foi o mais grande campêro,
e dos cabeça de campo
o premêro sêmpe foi,
jurou, prú vida e prú morte,
que a Lindinha só casava
cum o curibóca de sorte
que inxucaiásse êsse boi.

Quando eu pensei, meu patrão,
um dia casá cum ela,
senti frio na ispinhéla,
e cósca no coração.

A cabrocinha era linda
cumo a frô do mussambé!

Tinha relampo nos óio,
que nem fôia de quicé!

Foi dende piquinininha
que eu amáva a ela ansim...

Quando eu não via Lindinha,
ficava longe de mim!

Prá quê tá róbando ainda
o tempo de vassuncê,
se é impussive dizê
cumo Lindinha era linda?!

Se aquêles grande vaquêro
vinhéro lá d'outras banda,
cum tamanha afobação,
não foi só prú móde a neta
de João Peráo, meu patrão!!

Foi prá fazê meu cavalo
perdê a fama que tinha
prú todo aquêle sertão!

Mas porém, patrão, eu ria
de tôda essa cabruada,
pruquê eu, patrão, cunhicía
a corage do cavalo,
que se chamou: — *Ventania!*

Nos sertão da Paraíba,
de Maceió, da Baía,
do Piauí... do Ciará...
a fama dêsse animá
de bôca im bôca curria.

....

....

Agora eu vou li falá
do casarão da Fazenda,
prá vassuncê me iscutá.

O casarão da Fazenda
táva no meio da varge
de rastêro capinzá.

D'um lado táva a muenda,
a roda da bôlandêra,
o ingenho de muê cana,
tândo a casa de farinha
do outro lado de lá.

O currá de páu a pique,
junto a ipuêra aguaçada,
cercado de xique-xique,
era a casa da boiada.

No pé da serra, prú baxo
dos verdoso catolé
que assombriava o terrêro,
táva as casa de sapé,
que era os rancho dos vaquêro.

Há munto já que era noite!

Os cabra, naquela hora,
os que chegáro de fóra,
já táva tudo arranchado,
nos seus fiango deitado,
iscutando o Mãoquitóla,
brincando cum os cinco dedo
na bôca d'uma viola!

Óiando a cara da lua,
iscundida atrás do tronco
do impinado macujé,
Manué Pelado cantava
uns acalanto tão triste,

que lá prá os mato avuáva,
cumo a percura do ninho
d'um coração de muié.

Manué Pelado cantava!...
Mãoquitóla acumpanhava!

E êsse violêro mingóla
só pindurou a viola,
quando o galo romanisco,
fogoso, as asa bateu,
sortando o grito sôdoso
do prêmêro disafio,
e acordando os cupanhêro,
que, de longe, arrespondeu!

Tudo entonce arréposava!

A vaquêrama roncava!

Não se uvía mais um pío,
a não sê o disafio
dos sapo, dento dos brêdo,
os cachorro da Fazenda
latindo prás sombra rôxa
das foiáge do arvoredo,
e, longe, n'uns arripio,
o chôro doce e macio
desse violêro o — Silenço —
cantando... chorando as mágua
nas corda d'água do rio!

Tôda a Fazenda drumía!

Táva a noite que nem dia!

A lua inté paricia
uma frô dos aguapé,
e as istrêla era as abêia,
de todo o lado avuando,
prá vím chupá o seu mé!

Vendo a lua cumo táva,
váincé jurava, jurava
que as água que lá da crista
da serra vinha rolando,
era o luá que caía
do céu e, branco, iscurria,
nas pedra se isfrangaiando!

Ansim, levei artas hora,
pitando o meu catimbáo,
inté que ferrei no sono,
pensando no meu cavalo,
e nela... (o patrão já sabe!...)
a neta do João Peráo.

....
....

De minhã, quando acordei,
cum os suspiro das foiáge,
saluçava as ribaçã!

O *Só* — rocêro do céu —
quêmáva os mato das nuve,
na quêmada da minhã!

Cum a passarada a cantá,
a vaquêrama acordando,
foi os cavalo arriando,
prá viage cumeçá.

Cum a roupa tôda de couro: —
Bôca negra, n'um turdío;
Chico Québra, n'um pedrez;
Cachimbo, n'um alazão;
Liôpôrdo Cabeça Sêca,
n'um lindo russo pratiado;
Zé Braúna, n'um cardão;
Mãoquitóla, n'um fouvêro;

Furréca, n'um russo pombo;
Manué Francisco Pelado,
n'um bagacêro mazombo,
um cavalo trupizúpe,
cum um fucinho de gambá...
os cabra mais famanado...
já táva tudo amuntado,
correndo daqui prá lá.

Meu cavalo *Ventania,*
que tinha uma *istrêla branca*
purriba mêmo da testa,
e apostando uma carrêra
cum o vento, o vento perdia,
batendo o pé, iscarvando,
e óiando prá cabôquinha,
rinchava inté de aligria.

Seu capitão fazendêro
deu o siná da partida,
e a vaquêrama partia.

*

Distante, já munto longe,
a Fazenda se assumía,
e a cabôquinha indiabrada,
num guabijuêro atrepáda,
ainda adeus me dizia!

. . . .
. . . .
. . . .

Os vaquêro já sabia,
mais ou mêno, onde pastava
êsse bôióte mardito,
que im tôda parte morava.

Era prá raiz da serra
que pastava o barbatão:
logo, entonce, lá prá serra
a gente trôcêu a mão.

Um carguêro que tópêmo
na meia lua da istrada,
disse tê visto o bôióte
na sumana arretrazada.

Pulos siná que êle dava,
se não era a caruára,
o diabo do boi andava
cruzando a varge da Arára.

*

Assuntando nessas coisa,
im caminho lá da serra,
a gente já tinha andado
um bom pedaço de terra.

O dia táva no meio,
e o *Só* quente de matá!

Entonce, disapiêmo,
e fumo tudo armuçá.

Tirando o armoço do arfórge,
que já táva apreparado,
o armoço era tão gôstôso,
que im mêno de dois minuto
a gente táva armuçado.

Rapadura cum farinha!...

Meu Deus!... Que sastifação!

Ai, que sôdade das água
que tem o chêro da terra,
e êsse gôsto de sereno
das cacimba do sertão!!

....
....

Já tândo tudo armuçado,
de nôvo, tudo amuntado,
caminhando lá prá varge,
cum Deus e a Virge Maria,
fumo siguindo a viage.

As duas hora da tarde
a gente se suparou.

Cada um da vaquêrama
o seu atáio tumou.

Rezei prú mim, prú Lindinha,
prú meu cavalo, e, despois,
sortando a camba do freio,
pidi a Deus que levasse
pulos caminho a nós dois!

Fui andando! Fui andando!

O *Só,* patrão, discambava,
quando eu passava na bêra
d'uma pequêna lagôa,
e uvindo cumo o mugido
do boióte amucambado,
ispirrei pulos ispinho,
cumo um diabo ispritado.

O mato táva crivado
dos istrépe mais danado!!
Mandacarú, xique-xique,
lambe-bêço, parmatóra,
faxêro e crôa de frade,
macambira, unha de gato...
é os ispinho mais duro
que a gente incontra nos mato!

Dêsses ispinho, patrão,
o sangue já iscurria
da minha cara e das mão,
cumo iscurria, vremêio,
do peito de *Ventania,*
dêsse cavalo turéba!

Tumei mêmo pulo buzo
um trago de manduréba.

Mas porêm, quando o cavalo
amarrava n'um oiti,
lá, da perna da baxada,
de donde o vento assoprava,
parece que inda iscutava
o mugido que eu uví!!

Sartei de nôvo na sela,
sôrtei a camba do freio,
na *istrêla branca* da testa
bati ansim, cum esta mão,
e me afundei pulas sombra
dos ispinho do grotão!!

Pulando, cumo um danado,
fui rompendo mato a dento!...
Era impussive, patrão,
Ficá na sela um momento!

Os gaio sêco das árve,
os ramo dos móróró,
o arrendado dos cipó...
é uma infernêra, é um pirigo!...
É o mais lapiado inimigo!
É a morte, sim, meu patrão,
e morte tão disgraçada,
que somentes pula sorte,
pulo sabê campiá,
um hôme póde iscapá
do istrépe frio da morte!!!

Às vez, um hôme, patrão,
tem de ficá prú dibáxo
da barriga do animá,
que vái baxando, baxando,
cum a gente, rente do chão,
sem na carrêra apará!!...

É uma coisa naturá!!

O hôme foge da morte,
e o animá quê se sarvá!

*

Vassuncê tá custumado
a vê só essas porquêra
das currida de bestêra
da Capitá, meu patrão!
Não pode fazê indéa
do valô da cabruada,
no corrê das vaquêjada
das terra do meu sertão.

Êsses cavalo cumprido,
fidargo, de perna fina,
não vale, não, meu sinhô,
o cavalo d'um vaquêro,
que é manso, cumo um amigo,
mas porêm, vendo o pirigo,
é um animá de valô.

Currida n'um campo aberto,
é munto bom de corrê!...
Mas porêm, mande êsse *Joke,*
vistido de bunequinho,
corrê nos mato de ispinho...
e entonce é que eu quero vê!...

*

Patrão, discurpe! Eu dizia
que pulos mato curria
no sucáro do Crôá,
quando isbarrei, de repente,
uvindo lá p'ra outras banda,
danado, o buzo assoprá!!!

Vortei prá atrás! Cum certeza,
eram argum dos cumpanhêro,
que tinha inxergado o vurto
dêsse boi caromboêro.

Vim topá cum o Mãoquitóla,
que táva assoprando o buzo,
na ponta d'uma chapada,
chamando, cum desispêro,
pulos outro camarada.

Im mêno de dez minuto,
n'uma valente currida,
a vaquêrama chegando
de tôda banda, afobada,
já táva ali riunida.

Mãoquitóla, êsse vaquêro
que dos sertão da Bahia
o prêmêro sêmpe foi,
apontava prá o caminho,
adonde táva o sucáro
das pizada dêsse boi.

Prú dibaxo da coirama
os coração parpitava!

o Crôá não munto longe
daquelas mata pastava.

Táva a gente arrezôrvendo
o cerco do boi, patrão,
quando passava a boiada,
cum os boiadêro guiando,
uns atrás e outros cantando
na frente do boiadão.

Tinha fartado um campêro!...
Zé Braúna... Sim, sinhô!!!

Mãoquitóla pega o buzo
e cum sustança assoprou,

quando um boi... um boi arisco,
pulos mato adisparou!

Os outro foi istórando
prá todo os lado da istrada,
cum a armação alevantada,
n'uma carrêra inferná,
que inté fazia pensá
que o mundo se ia acabá
naquela grande istralada!

Era o arranco da boiada!!

Cum seiscentos mir diabo!...
Era prá dá o cavaco!...
Apois se tinha perdido
todo o siná do sucáro
do Crôá, do boi veiáco!

Caía a tarde, patrão!

Mais longe, um tamarinêro,
cum o *Só* purriba das fôia,
lá num monte impulêrádo,
paricia um pásso verde
cum o seu tupéte incarnado.

Cada um, de vez im quando,
no buzo um assôpro gimia,
prá iscutá se o Zé Braúna
cum outro assôpro arrespundia.

E, cumo a noite caía,
nossos cavalo amarrando,
cada quá, naqueles mato,
bem ou má, foi-se deitando.

A sela é um bom cabecêro,
macio, cumo êle só!

Era noite! Já se uvia,
lá, na serra, os noitibó!...

Despois, entre a iscuma verde
d'uma moita de tabóca,
a lua vinha nacendo,
cumo um bôlo de mandioca.

Manué Pelado, o ciarenço,
cum o baiano Mãoquitóla,
cantava outro disafio,
sem as corda da viola.

E, ansim, uvindo os dois cabra,
pitando o meu catimbáo,
ferrei no sono, pensando
no meu cavalo e sonhando
cum a neta do João Peráo!

. . . .
. . . .

De minhã, quando acordei,
e, cumo os outro vaquêro,
fui meu cavalo arriá,
butei o buzo na boca,
apois o Manué Pelado,
êsse ladrão disgraçado,
que veio lá do Ciará,
tinha, de noite, róbádo
o meu cavalo adorado,
dêxando o seu trupizúpe,
o seu cavalo zarôio,
cum o fucinho de gambá!!!

Mas porém, eu bem sabia
que o ladrão não cunhicia
o segrêdo lá da *istrêla*
do meu alazão dorado!

Não se batendo na istrêla,
o cavalo não curria,
era um pangaré pesado!

E *Ventania* sabia
que já não era seu dono
que táva nele amuntado!

Se eu tivesse um bom cavalo,
quem sabe se inda eu pudia
pegá o Manué Pelado?!

Liôpôrdo Cabeça Sêca,
que era um vaquêro danado,
jurou prá mim que êle havéra
de arcançá meu *Ventania*
cum o seu russo Pratiado!!!!

Bem sei o que êle quiria,
êsse cabra iscumungado!!

Não têve um só cumpanhêro
que não sintisse, patrão!

Cumo é que um hôme, cantando
cumo êsse hôme cantava,
pudia sê um ladrão?!!!

E dênde aquele momento,
nem mais no boi se falou!

Os campêro, ispóriado,
nos seus cavalo amuntou!
O que havéra eu de fazê?!
Amuntei no trúpizúpe,
no pangaré do Pelado,
e dei de ispóra a valê!

D'aqui, d'ali, d'acolá,
imfim... de todos os lado,
era pérciso ataiá
êsse cabrocha safado!

A gente entonce ajustou
que o prêmêro que inxergasse
Manué Pelado, assoprasse
no buzo, cum tôda a força
que Deus nos peito butou!

. . . .
. . . .
. . . .

Meia hora já passada!
Inda nem buzo!... Nem nada!

Táva andando ao *Deus dará*,
amuntado no tanjão,
no cavalo do ladrão,
quando inxerguei o Crôá,
fugindo da cavaiáda,
n'uma grande disparada,
— farsiá n'uma barrêra,
e rolá, na ribancêra,
prôs fundo d'um cacimbão!!!

N'um abri e fechá dos óio,
butei a mão do mardito
travessada na armação!...

Cortei um páu n'um Páu Ferro,
pus no pescoço o cambão,
butei despois o xucáio...
e fui me imbora, siguindo,
a percura do ladrão!

Mais adiente, patrão,
(vêje a sorte cumo é!)
firido de metê dó,
táva o Braúna deitado
na sombra de um bóróró!

Contando o causo passado,
eu disse que êle pudia
dizê prô véio, prô avô,
que êle táva ansim firido,
pruquê foi êle somentes
quem deu no boi a mussica,
e, despois, inxucaiou.

Eu sabia que êsse cabra
trazia pula bichinha
o peito cheio de amô.

Contei que o Manué Pelado
tinha o cavalo róbado,
e, sem o meu cumpanhêro,
não pudia alí ficá!

Dexava de sê vaquêro,
prá nunca mais campiá!!

Eu disse prô Zé Braúna:
"Zé Braúna, se eu topasse,
"agóra, o meu *Ventania,*
"inda sortava o Crôá,

"prá despois, n'outra currida,
"êsse boi inxucaiá,
"e entonce, cum orguio e glóra,
"cum a Lindinha me casá".

Não acabava a prépósta,
que fazia prô cafuso,
quando, de todos os lado,
uvi o grito dos buzo!

Era os vaquêro correndo
no meio do discampado,
atrás da sombra mardita
do ladrão arrenegado!!!!!

Liôpôrdo Cabeça Sêca,
cabra sarado e valente,
galopando a todo freio,
era o que vinha na frente.

Bôca Negra, cum o cavalo
trupicando na carrêra,
tinha caído, firido,
ao pé d'umas pacovêra.

Chico Quebra e Zé Cachimbo,
travessando um córgozinho,
apontava lá prá longe,
prá istirada do caminho.

João Furreca e Mãoquitóla,
do outro lado da serra,
varava um mato de ispinho.

Liôpôrdo, sêmpe na frente,
riscando, tútúbiou;

e, cumo dizadorado,
prú tê perdido de vista
o miserave, o marvado,
puxando o freio... isbarrou.

Eu vinha atrás!... Mas porêm,
quando arcancei o Liôpôrdo,
que ainda táva aparado
no xancro da incruziada,
o ladrão ia cruzando
o atáio d'uma picada!!!!!

Foi tanta a sastifação,
que se eu não tapasse a bôca,
ficava sem coração!!!!

Liôpôrdo Cabeça Sêca
me disse entonce: "Eu te juro
"que im mêno de três minuto,
"o meu Russo Pratiado
"vórta aqui cum o teu cavalo,
"êsse cuéra famanado!"
. . . . E disparou!

Êle curria!... Eu curria!
Êle, na frente! Eu, atrás!!
Liôpôrdo, dizimbestado,
cada vez curria mais!

Cada vez mais, meu patrão,
Liôpôrdo Cabeça Sêca
ia ficando mais rente,
mais pertinho do ladrão!...

Curria!... Curria!... E quando
a mão dereita istendia
prá agarrá no tapiti!...

Quando assunteí, quando eu vi
que êsse cabra só quiria
disonrá meu *Ventania,*
meu cavalo disonrá,
eu li ensinando o segrêdo,
gritei prô ladrão: "Mardito!!
"Bate na *istrêla da testa,*
"e corre e foge sem mêdo,
"que nem Deus te pegará!!!"

*

Ai!! patrão!!

....

Im mêno de dois minuto,
férmoso, socando a terra,
vi meu cavalo assubindo,
avuando, cumo uma pena,
pulas groguéia da serra,
dêxando o Cabeça Sêca
atrás, prá atrás, munto atrás,
imquanto eu chorava e ria,
mandando prô meu cavalo,
que lá no espigão da serra,
do outro lado se assumia,
— um adeus, prá nunca mais!!!

....

*

Perdi a muié, que amava,
e êsse animá, que adorava,
cumo eu nem sei dizê, não!...

Mas porêm sarvei a fama,
sarvei a honra e a nobreza
do meu cavalo, patrão!

O CANGACEIRO

Para a boa compreensão dêste poema, peço permissão a Gustavo Barroso, para transcrever as seguintes observações que faz sôbre os cangaceiros, no seu livro *"Terra do Sol":*

"Anda um dêsses bandidos românticos por uma ribeira. Chega-lhe a no-
"tícia de que um indivíduo por astúcia ou fôrça, desonrou pobre e ingênua
"môça, sem irmãos ou pai que a desafronte, recusando-se, vilmente, a reparar
"o mal.

"Dá-lhe caça, alcança-o; e se se recusa à reparação, criva-o de balas, espe-
"ta-o na faca e deixa insepulto o cadáver, como lição aos sedutores atrevidos.
"O cangaceiro desta espécie é incapaz de roubar e jamais consente que os
"seus acostados roubem.

"Tem em grande conta a sua honra e não há mais suscetível pundonor
"que o seu. Um chefe de cangaceiros paira por uma região. Todos os
"foragidos, todos os criminosos, procuram-no para se alistarem no seu bando.
"O cangaceiro vai recebendo-os, indagando-lhes a vida.

"Fugindo o indivíduo à perseguição por crime de morte, entra para
"o bando; por atentado ao pudor ou à bolsa, é, imediatamente, fusilado."

O Cangaceiro

A LUIZ CARLOS

Eu me chamo Sivirino
Sapiranga, sim, sinhô.

Sou fio de Zé Fôstino,
que era fío d'um tropêro,
Frô dos Santo, meu avô.

Sou naturá de Umbuzêro,
da Paraíba do Norte,
a terra das patativa
que eu amo cum todo o amô
de valente cangacêro!...
apois cangacêro eu sou.

Não paga a pena, seu moço,
eu dizê pruquê rézão
já varei cum a parnaíba
mais de vinte coração!

Minha históra é atrapaiada
é tôda cheia de ispinho.
e, cumo lá diz o outro,
seu moço, as água passada
já não móve mais muinho.

Óie, moço!... Não há munto,
distante um casá de légua

de S. Migué de Traipú,
eu fisguei um cavaiêro,
o fío d'um fazendêro,
cumo quem fisga um tatú.

Êsse garôto e canáia
um dia róbou de casa
a neta de um comboêro,
que era um hôme tão bondoso,
e despois, abandonou
aquêle anjo fermoso,
cumo se fôsse, seu moço,
um cachorro, um cão leproso!!!

Prú tê matado o canáia,
a justícia que divía
me tê dado uma medáia,
me chama de criminoso!!

*

Quando meu pai, que Deus tenha
no Santo Rêno da Glóra,
ao pé d'um monte de lenha,
mazômbo, os óio fechou,
a fía que mais amava
nestes braço me intregou.

Inda me alembro, seu moço!

Abraçado no pescôço
do véio, que se finava,
eu chorava, eu saluçava,
garrado cum minha érmã,
cumo à boquinha da noite,
chora e geme uma acáuã!!

De noite, fazendo quarto,
óiando o pobre do véio,
taliquá, má cumparando,
— São Pedro cum as barba branca,
cum os seus cabelo branquinho,
drumindo o sono da morte
n'um véio banco de pinho...
chorava, cumo, sintido,
o pásso que foi firido,
cum um tiro, dento do ninho!!

E quando, ao rompê da ôróra,
o véio foi carregado
n'uma rêde, istrada à fora!!...
Quando êle foi sipurtado
prú báxo d'uns cajuêro,
alí, naquele momento,
eu fiz êste juramento:
me torná n'um cangacêro.

*

Dêxei meu pai sipurtado,
vortei lanhado de pena,
chorando a sorte tirana!

Mas porém, quando cheguei,
e entrei na minha choupana,
a minha mãe incontrei
cum o coração mais lanhado,
e mais duente que o meu!!

Prá dizê tudo, seu moço,
n'um domingo amarfadado
aquela santa morreu!!!

A morte era naturá!
Despois da morte do véio,
não poude mais suportá!

*

Meu pai não perdeu a vida
pulos ano!! Não, Sinhô!

Morreu prú via d'um hôme
que era rico e, prú capricho,
uns mulambinho de terra
do pobre véio róbou!

O jaburú quis um dia
que meu pai jurasse farso
n'uma questã que êle teve
cum um honrado lavradô.

O lavradô era pobre...

Meu pai, que era um hôme nobre,
bateu o pé!... Não jurou.

A Justícia que fazia
tudo o que o hôme quiría,
im mêno de duas hora,
butou o véio prá fóra!...
E tudo ansim se acabou!!

Despois que eu vim prô cangaço,
há munto que o tá ricaço
cumigo as conta ajustou!!

*

Óie, moço: vêje lá
se eu tenho rêzão
ou não.

*

Um dia, eu táva banzando,
deitado n'uma toucêra
de verde sanacuri,
quando vêjo vim, d'ali,
o Antonio dos Picapáu,
amuntado n'um quartáu.

O coração piquinino
sartava, cumo um cabrito!

Vendo o Antonio que era eu,
gritou de lá: "Sirvirino!...
"A tua érmã!..." Dei um grito,
que o cabôco istremeceu!

Apois, quando eu disse: — "Fala"!
êle gritou lá da istrada:
"Foi trazontônte róbada!!..."
E alevantando a çoitêra,
deu de ispóra no quartáu,
e se assumiu entre as fôia
de duas guapurinhêra!!

*

Três dia andei a percúra,
atrás do tarapantão,
(o fío d'um figurão...)
mato abáxo, mato arriba,
e só discansei, seu moço,
quando eu tirei o pirão
do buxo daquele cão,
cum a ponta da parnaíba.

*

Gibão e chapeu de côro
n'uma orêia derribado;
um guarda-peito de onça
no peito sarapintado;
cravinóte sêmpe iscravo
dos bom, cumo vassuncê,
aqui tá um cangacêro,
mas um cangacêro honrado,
taliquá, cumo me vê.

. . . .
. . . .
. . . .

Seu moço, váíncê prégunta
se argum dia eu fui murdido
da tatajúba do Amô?

Arrespondo a vassuncê!

De tanto e tanto sofrê,
o coração, que padece,
fica duro, cumo um calo!
No sufrimento indurece!!
Calêja na disventura,
cumo as pata dos cavalo
na istrada de pedra dura!

Dêxe acendê meu cachimbo,
e iscute um causo, seu moço,
se um causo qué me iscutá.

*

Amuntado no Caxito,
eu siguía de viage,
e passava pula Serra...
d'ali, de Jabitacá,
quando vi uma morena,
fazendo renda de birro,
imbáxo d'uma guaipá.

A cabôca, cum o pézinho
im riba d'um panacú
de páia de buriti,
era fermosa, era bela,
e tinha a pele amarela,
cumo a frô do murici.

Do lado, d'onde se via,
de tarde, o *Só* se iscondê,
o mio nôvo cricia
entre os pé de macachêra!!...
E, do outro lado, prú báxo
d'uma grande ribancêra,
o vento fresco da tarde
brincava, cumo um minino,
cum as fôia das goiabêra!

Bem im frente do currá,
da banda do côpiá,
as cabra mansa, as ovêia,
cumía o capim mimoso
do mimoso capinzá.

Num lindo itapinhoã,
cantava um guriatã.

Um papagaio, assanhado,
táva gritando, atrepado

na roda véia d'um carro,
e a casa, onde as trepadêra
pulas parede assubia,
tão piquena, paricía
um ninho de *João de Barro!*

O avô da moça iscutando
as pisada do animá,
trazendo dois pote cheio
de leite fresco, "Bás tarde"
me disse lá do currá.

Pediu que eu disapiasse.

Amarrou o meu cavalo
n'uma cuiêra viçosa,
imquanto a moça, bondosa,
cum os cabelo preto, preto,
cumo os pena dos anum,
me trazia uma tijela
de leite, adonde boiava
o ouro do girimum.

Do girimum tinha ela
o ôrôma, o chêro e a cô!
Tinha uns óio piquinino
de guanumbi, que seu moço
cunhece prú bêja-frô.

Não tinha a bôca da rosa
vrêmêia e munto piquena!
Tinha o tamanho d'um bêjo
aquela bôca morena!!!

Eu não sei li dizê, não,
o que nós dois, eu e ela,

sintiu, naquele instantinho,
muxurundando, seu moço,
na bôca do coração!!

Eu óiava!! Ela me óiava!...
N'um abri e fechá dos óio,
ambos os dois já se amava!

Já era a bôca da noite.

E cumo a noite nacía
um bocadinho arrufada,
eu pidi uma apousada.

Tio Luca, que era ansim
que o avô era chamado,
era um hôme arrespeitado
im todo aquele lugá.

Sem medo de não inrrá,
tinha mais de cem jánêro;
mas porêm era um véínho
alegre e cunversadêro.

Apois, a noite passei
n'uma cunversa cumprida,
uvíndo o véio contando
a históra da sua vida.

Virúca, (apois era êsse
o nome da tentação),
fazia renda do lado!...
Mas porêm, moço, o pió,
é que o Amô, êsse ispião,
cá dento e lá dento dela,
fazia renda o marvado
nos nossos dois coração!

Tio Luca me contou
que a sua neta quirida
já táva prá se casá
cum o fío d'um fazendêro,
fermoso, rico e bunito!

E, despois, prú via dela
im segrêdo me tê dito,
súbe que ela não amava
o moço, que munto longe
da sua casa morava!...

Me perdôe, patrãozinho,
se o diabo d'um pingo d'água
me quisé atreiçuá!

E prá cunversa cortá,
no outro dia, patrãozinho,
quando o véio Tio Luca
foi meu cavalo arriá,
eu e ela, ambos os dois,
n'um grande abraço, a chorá,
n'um adeus se adispidía!...

Ela ficava!... Eu partia!!

*

Nunca mais eu travessei
a Serra Jabitacá.

Apois Virúca não ia
cum um moço rico casá?!

Pulas cunversa do véio,
eu assuntei que êle tinha
pulo moço munto amô,

e se ela não se casasse
cum o moço, o pobre do véio
murria louco de dô!

O moço tombêm amava
Virúca, que era uma frô!
Mas porêm, do meu amô,
do prêmêro amô que eu tive,
era pussive isquecê?!

Não, seu moço, era impussive!
Mas porêm se era impussive,
era êsse o meu devê.

....
....
....

Já três mês era passado.

*

Lá, no fundo do sertão,
lá, bem no fundo, patrão,
eu morava num ranchinho,
mais maió um mucadinho
do que um ôvo de jacú.

Lá dento, a casa, a casinha
de riqueza táva cheia!...

Óie só: uma candêia,
um póte d'agua, um urú,
uma coitemba, uma cúia,
um tronco de tabibúia,
um couro sêco de ovêia,

uma garruncha, um quicé,
a istêra de catolé...
e, na parede apregado,
um Sinhô Curcificado,
uma image do Sinhô,
image que tinha sido
d'um dos meus tataravô.

De tudo que eu pissuia,
(que eu nunca pissuí nada!...)
só tinha aquela riqueza,
aquela image sagrada!

Patrão!... Aquêle mucambo,
aquela triste casinha,
adonde morreu meu pai,
e a minha mãe, coitadinha,
era cumo uma ingrêjinha,
lá nos mato do sertão,
adonde, seu moço, eu vinha
fazê minha dévônção!

Crêia váíncê, se eu pudesse,
prá todo lugá que eu fôsse,
carregava aquela casa
dento do meu coração!

Mas porêm... Sim!... Eu dizia
que três mês era passado.

Uma vez, táva assentado
na porta do meu ranchinho,
quando abispei, munto longe,
n'uma dóbra do caminho,
um vurto, vindo da istrada!!

A tarde táva, eu me alembro,
um bucado anevuáda.

Saquei do canto a garruncha,
e, entonce, firme, isperei.

> "É um caçadô!... é um tropêro!..."
> cumigo mêmo eu pensei.

E o vurto vinha siguindo!..
Vinha vindo!... Vinha vindo!...

De repente, se assumia
n'outra vorta do caminho!...
Mas, logo, n'um instantizinho,
outra vez, aparecia!

"É uma muié!" eu dizia!...

> E o vurto vinha siguindo!...
> Vinha vindo!... Vinha vindo!...

E quando mais se chegava,
sôrtei um grito da bôca!

Meus óio não me inganava!

Ora, vêje vassuncê!...

Era... Virúca!! A cabôca!!

Sim!!... Patrão!... Era a Virúca!...
A neta do Tio Luca!!

Agora, vêje, patrão,
o que foi que ela me disse.

"Me disse que há uma sumana
"táva de casa fugida,
"correndo os capão de mato,
"cumo uma pomba perdida!

"Que fartava pouco tempo
"prô dia de se casá!

"Que tinha andado iscundida,
"drumindo dento das tóca,
"noite e dia, na isperança
"de me vê, de me incontrá...

"Que ánte quiria morrê,
"disprezada, cumo o Cão,
"que vendê seu coração,
"cumo o avô ia fazê!"

Chorou, seu moço!... Chorou!...
De vez im quando dizia
que uma coisa só sintia: —
era matá de disgosto
o pobrezinho do avô!

Despois, dizia que Deus
seus pecado perduava!...

Dizia que me adorava!...

Que não casando cumigo,
cum outro hôme não casava!!

E entonce, assungando a sáia,
fazendo a saia de lenço,
os pingo d'água alimpava!

Apois, eu falei! Eu disse
que tômbem amava munto!
Mas porêm, que ánte quiria
morrê ansim, cumo o Cão,
que sangrá o coração
d'um véínho, sim, sinhô,
que um dia êste cangacêro
na choupana gasaiou.

Pidí que se assucegasse,
e, despois, cunsiderasse
quantos pingo d'água o véio
já não tinha derramado!

Tarvez que, já sipurtado,
drumisse, naquela hora!...

Pidi, supriquei, roguei
que era perciso í se embóra!...

Acunsêiêi que casasse
cum o moço, que era inducado,
e só quiria fazê
a sua filicidade!...

Que era uma coisa bunita
fazê, tão perto da morte
do véínho, esta vontade!

Cum mais corage eu lhe disse:
"quatro legua, bem puxada,
"fica o *sapé* do vôvô!

"O tempo amiaçava chuva,
"mas porêm tenho um cavalo,
"que corre mais que um prêá.

"Vassuncê vái na garupa...
"n'um instantinho tâmo lá".

Introu de nôvo a chorá,
dizendo que o aguacêro
não tardava dispencá!

Saluçando, de juêio,
supricava que eu dexasse,
(não pulo amô, — prú piadade)
debáxo daquelas páia
aquela noite passá.

Despois, é que eu vi que a noite
táva mêmo arrenegada!

Gimía a mata assombrada
cum os bêjo bruto do vento,
apois, naquele momento,
arrebentou, n'um tôrrangue,
o istrondo da trêvuada,
e lá no céu, de repente,
uma gibóia de sangue
passou n'uma adisparada!!!

E ela chorava, assustada!

Entonce, forrando o chão
cum o couro seco de ôvêia,
butei a ceia que eu tinha.

Um coração de viado,
im riba da trempe, assado
no brazêro da cuzinha...
Um pouco de macachêra...
Café frivido im chalêra...
e uma cúia de farinha.

Ela, calada, fingia
que cumia um pedacinho
de macachêra... e bibia
uns gólinho de café.

Eu, cumendo, disfraçava!...

Prú báxo dos óio, óiava!...
E o coração me dizia:
"Sivirino!... cumo é triste
"uma casa sem muié!!!"

A chuva braba caía,
e, às vez, inté paricía
querê levá pulos mato
a casinha de sapé!!

Iscouciando e bufando,
se ispojando entre as fôiage,
lá fóra, o vento curria,
cumo um cavalo sarvage!

Istremeceu de sobrôço,
pidindo um tiquinho d'água,
fingindo que tinha sêde.

Despois, caiu de juêio,
cum as mão cruzada prô Cristo,
que táva im pé, na parede!

Rezava!!!

Ispetada nos cabelo,
trazia uma frô dos mato,
frô quirida das abêia!!
E ela, ansim, istremecendo,

mansinha, cumo uma ovêia!...
Piando, cumo um pintinho,
quebrando a casca do ôvinho,
táva, seu moço, mais bela,
mais triste e mais amarela
que as areia dos caminho!

Quando acabou de rezá,
introu de nôvo a chorá,
me pidindo que eu dêxasse,
    (não pulo amô, — prú piadade,)
    debáxo daquelas páia
    aquela noite passá.

Cumo táva linda e bela!

Ai, de quem bebe, patrão,
o mais pió dos veneno,
n'uns pinguinho de sereno
de dois óio, cumo os dela!

    Entonce, cum mais corage,
    eu disse, sem mais aquela: —
    "aminhã, de minhã cedo,
    "vassuncê vórta cumigo
    "prá Serra Jabitacá.

"O noivo não sabe nada!...
"Druma a noite assucegada!

    "Aminhã, cumo o avôzinho
    "vendo váincê, vai ficá!"

Butando a istêra no chão,
supriquei: "vá se deitá!"

Tirando o pé da chinela,
na istêrinha se assentou;
n'um véio gibão de couro,
a cabecinha apousou;
e ao despois, a luz dos óio
foi, pouco a pouco, iscondendo,
taliquá dois vagalume
se adispidindo da noite,
quando o dia vem rompendo.

Drumia!... Se não fingia,
paricia tá sonhando!

O azeite de carnaúba
na luz morta da candêia
foi se apagando!... apagando!

Fui de vagá!... de mansinho!...

De vagá!... de vagarinho!...

E a frô dos cabelo dela,
cumo quem bêja uma santa,
não négo, patrão!... Bêjei!

Tive entonce uma vertige!!...

Sinti um gosto na boca
das fôia dos mato virge!!

Correu pru todo o meu corpo
um mistério, que eu não sei!
Pensei na Virge Maria
e im minha mãe eu pensei!
Despois, a imagem do Cristo
da parede dispreguei!...

Do outro lado da istêra
de catolé, me deitei!!!...
Pra me livrá do pecado,
entre nós dois, eu e ela,
a Santa Image butei!!!

Quando, às vez, o coração
mais dizinquiéto batia,
eu me agarrava cum o Cristo,
rezando uma Ave-Maria!

Quiria a carne uma coisa
que o isprito não quiria!!
E ansim passei tôda a noite,
garrado cum Jesú Cristo,
rezando cum devonção!

Pru São Cosme e São Damião!
Im certas ocasião,
quando o diabo nos consome,
um hôme deve sê hôme,
e eu fui hôme e fui cristão!

Váincê me intende, patrão!!

. . . .
. . . .

Má vinha rompendo o dia,
ainda a gente sintia
pulos mato mangangá
o ôroma frio da noite
e o chêro do temporá,
e o meu cavalo curria
cum seu dono e cum Virúca,
prá casa do Tio Luca,
na Serra Jabitacá!

O que eu não posso dizê
é aquela sastifação
que o avô, vendo a netinha,
sintia no coração!

O avôzinho inda chorava
cum a sua neta abraçado,
e cumo um doido, chorando,
eu rumpia pulos mato,
no meu cavalo isquipado.

*

Im riba da serrania,
o girasó da minhá,
lá, munto longe, si abria!

N'uma festa de aligria,
no meio da matería,
parece que indoidicía
todos os pásso, a cantá!!

Paricia uma cabôca,
vistida tôda de verde,
a Serra Jabitacá!...

Seu moço!... A minhã chêrava!!

Não vale a pena alembrá!!!

Não vale a pena, seu moço,
pruquê é uma grande verdade: —
que é a mais grande das bestêra,
na bestêra desta vida,
a gente dá de cumida
na bôca d'uma sôdade!!

. . . .
. . . .
. . . .

Mas porêm, naquela noite,
naquela istêra deitado,
ou, mió, curcificado,
cumo se fôsse uma cruz,
sarvei minh'arma, seu moço!...

Seu moço, eu sarvei minh'arma!!
Mas porêm, (pul'esta luz!...)
Im nome do Pai, do Fío,
do Isprito Santo e Maria,
e do Amô, prú quem sufria...

— Nosso Sinhô me perdôe!... —
Eu sufri mais que Jesús!!!

Vocabulário

Parnaíba — faca.
Comboêro — guia dos comboios.
Mazômbo — triste, isolado.
Acáuã — ave de canto triste e agoureiro.
Carregado n'uma rêde — é como se carregam os cadáveres no sertão.
Cangaço — bando de cangaceiros.
Banzá — estar pensativo.
Quartáo — cavalo manso, castrado.
Tarapantão — que diz ser valente.
Caxito — nome do cavalo.
Panacú — cesto.
Buriti — espécie de palmeira.
Macacheira — aipim.
Murici — árvore malpigeácea.
Copiá — alpendre.
João de Barro — pássaro que faz o ninho de barro, do feitio de uma casa.
Guanumbi — beija-flor.
Quicé — faquinha.
Mucambo — choupana.
Sobroço — mêdo.
Tôrrangue — estrondo.
Sarvei minh'alma — expurguei-a de todos os crimes, pela nobreza da ação.

Começa êste poema na noite em que o grande violeiro — Chico Mindéllo, de volta ao Ceará, depois de uma ausência de sete anos no trabalho dos seringais, no Amazonas, a pedido do povo do sertão, vai contar o que se passou consigo, por aquelas paragens.

Terra Caída são as terras que se desmoronam, à margem do rio, com fragor, levando grande extensão de frente e fundos.

Terra Caída

Ao insigne

MÁRIO JOSÉ DE ALMEIDA

FAZ HOJE sete janêro,
que eu dêxei o Ciará,
e rumei lá prô Amazona,
a terra dos siringá.

N'aquelas mata bravia,
lá, nos centro arritirado,
as arve tem munto leite,
mas nós já tâmo cansado!

O inverno, n'aquele inferno,
é uma grande infernação!
No inverno não se trabaia,
que é o tempo da alagação.

Isperei. Veio o verão.

É mais mió não falá!...
Tú qué sabê, meu amigo,
o que é os siringá?!

É trabaiá... Trabaiá!
É um hôme se individá!
É vivê n'uma barraca,
n'um miserave casebre
e sê ferrado da febre,
que anda danada prú lá!

É trabaiá, trabaiá,
dênde que rompe a minhã,
prá de dia sê chupado
pulo piúm, que é marvado,
e de noite sê sangrado
pulo tá carapanã!!

É um hôme dá todo o sangue
prô mardito do piúm,
e vortá mais disgraçado,
cumo eu — o Chico Mindélo,
duente, feio e amarelo,
cumo a frô do girimúm.

Ansim, lá dos siringá,
no fim de três, de três ano,
sem um vintém ajuntá,
ia vortá prá Manáu,
tândo fíxe na tenção
de Manáu vím prô sertão
do meu quirido Ciará.

Apois!... siguindo os consêio
que me dava o coração,
arrêzôrvi não vortá!

———

N'um terrêno, im ribancêra,
na bêra mêmo do rio,
despois d'um ano gastado
de trabaio cum o machado,
prá aquelas árve gigante
na derrubada quêmá,
incoivarei um roçado
e cumecei a prantá:
feijão, mio, mandioca,
e fui filiz no lugá.

A terra era munto boa
prá fazê um roçadão:
tão boa, que era percizo
vivê cum a inxada na mão!
Se um hôme mamparriasse,
a imbaúba, a gitirana,
o mata-pasto, a caíva,
o taxizêro danado,
o taquari... n'um instantinho,
tudo cubria o roçado.

"Cabôco Onça" era ansim
que eu ali era chamado.

Apois, no fim de dois ano,
cumpade, eu já pissuía
umas cabeça de gado!

Mas porêm, meu véio amigo,
tudo o que hoje o hôme faz,
n'outro dia Deus disfaz!

Ouve. Um dia, Zé Pacú,
indo a Igarapé-Assú,
onde tinha um ajuri,
levou cum êle uma fía,
que se chamava — Maibí.

O pagode, a festa, o samba,
era im casa d'um rocêro
de nome: — Antonio Truamba.

No pagode do Truamba,
chorei tanto na viola,
de noite inté de minhã,
que a fermosa cunhatã
teve uns caído prá mim!

Óia, a coisa foi ansim.

A cabôca fêz prémessa
de nunca mais me isquecê!

Que pena não sabê lê!

Ela disse tanta coisa,
tanta palavra bunita,
que eu, inté, nem sei dizê!

Nunca tive tanta pena
e tanta malincunia
de não sabê inscrevê!

Agora váincês me diga:
o que havéra eu de fazê?!

A festa tinha acabado!
Eu táva discambimbado!

Na hora que tôda gente
já táva se adispidindo...
a muié táva chorando!
Vendo a muié saluçando...
fui assuntando... assuntando...
e... despois, arresôrvi!

Pidí a mão de Maibí!

Nos óio dos cunvidado
correu uma ispantação!

A cara dos namorado
de Maibí, n'aquele instante,
ficou taliquá se visse
uma grande assombração!

Maibí ficou tão contente,
quando o pai, arrêzôrvido,
no meio de toda gente,
sastifez o meu pidido.

Eu não quiria!... É verdade!
Mas porêm, era mardade,
era mardade e perrice
não crê n'aquelas denguice
d'uma muié adorada,
nem nas coisa que jurava
cum a sua palavra honrada!

Apois, ficou ajustado
que, despois de mais dois ano
de trabáio no roçado,
nós havéra de casá.

Despois da festa acabá,
a festa do seu Truamba,

uns prá aqui, outros prá lá,
cada um siguiu viage.

*

A barraca do Pacú,
do véio pai de Maibí,
ficava lá da outra marge,
da outra banda do rio,
n'um bunito massapêz.

Só de três mês im três mês,
eu fazia a travessia,
(duas hora de canôa...)
prá í vê a curumim,
e só quatro mês fartava
prás coisa chegá no fim.

Zé Pacú dava um pagode
no dia oito, im Dezembro,
que é o dia da Cunceição.

Cum rézão ou sem rézão,
João Capixaba, um caúchêro,
das banda de Sairé,
me contou que a cabôquinha,
n'uma festa, im Caeté,
no dia de S. João,
só c'um vaquêro dansou,
e prú via disso a festa
im tempo quente acabou!!!

Dei tempo ao tempo: isperei.

O dia oito chegou!!!
"Vamo vê", disse cumigo,
"se o cabra não me inganou".

*

N'aquele braço da costa,
de todo lado se via,
atupetada de gente,
as canôa, as montaria.

Vinha decendo um Gaiola.

Peguei na minha viola,
e dicí pulo barranco!

A lua, branca arupêma,
tôda redonda e cheínha,
penêrava lá de riba!

E o rio táva tão branco,
cumo um montão de farinha!

Remando n'aquela hora
prá barranca da outra marge,
um bando de montaria,
carregando os cunvidado,
foi siguindo de viage.

O Pacú era quirido
e cunhicido de tudo!
Vinha gente inté de longe,
lá das banda do Serudo.

Nunca vi tanta canôa
atupetada de gente!
As água mansa do rio
se ria inté de contente!

A noite táva bunita,
cum seu vistido de chita,

da cô da frô dos ipé!!
A noite infeitiça a gente,
pruquê a noite é uma muié!

Ansim, bunita e fermosa,
cum uma saia toda azú,
cheguei a pensá que a noite,
a noite da Mãe de Cristo,
tinha sido cunvidada
prá festa do Zé Pacú!

Sartei no barco velêro,
e a viola temperando,
bejei as água do rio,
e fui cantando e cantando:

"Nosso Sinhô, quando andava
"pulos dizerto, a rezá,
"gostava de uví São Pedro
"na viola puntiá.

"São Pedro diz que a viola
"foi feita, n'um disafio,
"da canôa im que êle andava
"cum o Cristo a pescá no rio.

"Não foi feita da canôa,
"mas porêm da sua cruz!
"A viola ainda sofre
"tudo o que sofreu Jesus!

"Quando Deus fêz a viola
"e cumeçou a cantá,
"seu coração ficou rôxo,
"cumo a frô do manacá!...

"Deus é o rei dos violêro,
"quando canta o seu amô,
"nas corda santa da lua,
"que é a viola do Sinhô!"

E fui remando... remando...

E há duas hora eu remava
e um bom cigarro pitava
de páia de tauari,
quando abispei a barraca
do véio pai de Maibí.

Mais umas duas remada
e, entonce, filíz, cheguei!

No pôrto, entre as canarana,
a igarité amarrei!

Alí, na bêra do rio,
manso, cumo uma lagôa,
os cunvidado da festa
vinha chegando e sartando
d'uma prução de canôa.

Nunca vi tanta canôa,
atupetada de gente!
As água mansa do rio,
todo inrugado, increspado,
se ria inté de contente!

A casa táva no arto!

Pulo um caminho insombrado,
assubi pulo barranco!...
Isvisguei pulo terrêro!...

Quebrei do lado da mata,
onde tinha um assacuzêro!...

A barraca do cabôco
táva tôda inluminada
e quage tôda afogada
n'uma moita de abiêro!

Nas pórka e warsa e quadria,
a dança táva animada!

O som da frauta e a viola
se misturava cum o chêro
das fulô d'um jasminêro,
que intrava pula jinela!

A Mãe de Cristo, tão bela,
n'um óratóro infeitada,
táva no meio das véla,
morena e tôda istrelada,
rezando, cumo uma istrêla,
na bôca da madrugada!

De repente, im tôda a festa,
nem um rumô mais se uvía!

O nome d'ela — Maibí, —
de bôca im bôca curria!

Um matêro ou um seringuêro,
bateu parma no terrêro,
e fêz prá tudo um siná.

Era o samba e era ela,
era Maibí quem prêmêro
no samba vinha sambá.

Do lado da caiçára,
na quina da ribancêra,
me iscundi atrás do tronco
d'uma véia piranhêra.

Quando avistei a cabôca,
quage chorei de verdade!
Ai, meu Deus, cumo é bunita
a morte d'uma sôdade!!

As viola gemeu de nôvo,
e ela se-pôs-se a brincá,
tremendo n'um miúdinho,
sem se arredá do lugá!

Ao despois, a sala tôda
correu n'um sapatiado,
disafiando prá dança
os pobre dos cunvidado,
que logo baxava os óio,
ansim cumo invregonhado.

As cobôquinha, inciumada,
já não pudia mais, não!

Quando os noivo se assanhava,
elas ferrava nos braço
dos seus noivo um biliscão.

Maibí quebrava no *côco*
cum tanta requebração.
que se a Mãe de Deus sambasse,
tarvez que váincês jurasse
que quem sambava era Ela!...
A Virge da Cunceição!...
A Mãe de Deus, do Sinhô!!!!

Nisto, um roquête de parmas
im toda sala istrondou!

Foi quando, entonce, um vaquêro,
ainda moço e temêro,
prá riba d'ela imbicou!!!!

De camisa tôda branca,
cum o peito todo arrufado,
no pescoço axamurrádo
um lenço cô de limão...
butão de ouro nos punho!...
Purriba das carça nova
um pesado correntão...
O cabra, remunhetando,
castanholando cum as mão,
imbigando prá morena,
requebrava as suas pena,
no requebrado das perna,
zunindo, cumo um pinhão!!!

Quando o vaquêro cansava,
ela os pézinho apressava,
que nem si via os seus pé!...
Quando o vaquêro avançava,
ela ia arrecuando,
fugindo, cumo a marréca
da boca do jacaré!!...

Se o vaquêro abria os braço,
atirando uma laçada,
Maibí fugia do laço,
sortando uma gargaiada!

E agora é que ela dansava
e os musgo a musga apressava

e ela sambava, sambava,
sem um momento apará!...

"Ai, meu tempo!" n'um gimido,
gritava as véia aculá!
Xingava as véia os marido,
que alevantando os pescoço,
xingando tombêm as véia,
dava parma, cumo os moço,
vendo o demonio ródá!

Deus me perdôe a hirizia!
Mas porêm, eu vi a Santa,
eu vi a Virge Maria,
batendo parma do artá!!

O vaquêro, arrenegado,
ficou n'um canto, isbarrado
capiongo, discunchavado,
sem quáge pudê falá!

Tinha cansado o marvado!
Já não pudia sambá!

E o pai, óiando prá ela,
e achando a fía mais bela,
acendeu o seu cachimbo,
e... era pai... pôs-se a chorá!

*

Entre as nuve de puêra,
a cabôca paricia
taliquá uma nuvía,
saindo dos capuêrão,
doida, às tonta e às marrada,

fugindo, entre os ispinhêro,
d'um valente boiadêro,
pulos mato do sertão.

Entonce, currupiando,
sem tomá fôrgo da dansa,
a móde cumo criança,
abria a bôca dengosa,
e entonce a língua trimía
entre os dente da cabôca,
querendo saí da bôca,
cumo uma cobra de rosa.

Os dois copuassú morêno,
maduro, fresco, fermoso,
dois curumim vregonhoso,
que ninguem pudia vê,
prú báxo d'aquelas renda,
tinha o chêro, inda quentinho,
da bôca d'um bizerrinho,
quando acaba de nacê.

Os pézinho da cafusa,
que se tu visse, chorava,
não dansava, parpitava,
taliquá dois coração!
Tão leve, que parícía,
n'um rodá de carrapêta,
um casá de barbuleta,
brincando rente do chão!

Os óio, que tinha o fogo
das tarde, quando se intôna,
tinha no fundo a beleza
de tôda aquela tristeza
que tem o rio Amazona.

Não tinha bôca!... Era a bôca
uma gaiola de sangue,
adonde, quando falava,
a gente logo iscutava,
saluçando, um irachué!
Mas porém, quando calava,
pidindo, tarvez, um bêjo,
ficava a bôca mais rôxa
do que a frô do mururé.

Um bêjo naquela bôca
era um má, que não tem cura!
Se tinha a doce frescura
da sombra das quixabêra,
tinha a frevura do bêjo,
que o rio, vindo dos cume,
arrebenta no ciúme
da bôca das cachoêra!

Ai! os cabelo!... Os cabelo,
que às vez, n'um riviramento,
tapava a cara da dona,
n'aquele adivértimento,
era preto, cumo o sonho
d'um cégo de nacimento!

Quando um momento aparava,
dêxando o suó moreno,
cumo os pingo de sereno,
prú todo o corpo corrê,
a sala ficava cheia
dêsse ôrôma que se sente
do chêro da terra quente,
quando cumeça a chuvê.

Ansim, quando ela sambava,
uma rosinha amarela,

que táva ainda im butão,
caiu dos cabelo d'ela,
amachucada no chão.

Os musgo, tudo suado,
cum os óio de urúiáuára,
os insturmento aparou!

Entonce, o cabra sarado,
de venda de ripolêgo,
do chão a rosa panhou!

A cabôca, óiando os musgo,
que ainda táva cansado,
cum as lingua tôda de fóra,
de tanto e tanto tocá,
deu um muchôcho brejêro,
fêz um *ixe* — prô vaquêro,
e introu de nôvo a sambá,
cumo a fôia do trapiá,
que o vento brabo da serra
vai rolando, pula terra,
n'um currupio infernál!

E as parma ainda istralava,
no meio da cunfusão,
quando se uviu um baruio,
que parícía um truvão!

Todo o mundo prá barranca
naquele instante correu!...

A noite táva mais branca
que Jesus, quando morreu!

O cabra, fazendo infuca,
pruveitando a cunfunsão

fêz um bico prá cabôca,
e deu um bêjo na bôca,
um bêjo!... Sim!... Mardição!!

João Capixaba, o cauchêro,
não mintiu!... Tinha rêzão!...
Era o vaquêro mardito
da festa de Caeté,
da festa de São João!...

"O que foi, gente, o que foi?!"
todo o mundo preguntava
prô pai, que lá da barranca,
já sastifeito vortava,
a gritá:

"Vamo!... Vamo! Minha gente!
— Não dêxa a festa isfriá!
— Não foi nada!... Não foi nada!...
— Foi coisa munto sabida!
— Arguma *Terra Caída!...*
— Tóca a rí!... Tóca a sambá!"

Na verde guarapiranga
chorava um camêtaú!

Agora é que se isquentava
a festa do Zé Pacú!...

Saindo detrás do tronco
da fermosa piranhêra,
rumpi pula tacaniça!...
Dicí pula ribancêra!

Uma tuada sôdosa
nos gimido das viola

se misturava cum o chêro
das fulô do jasminêro,
que vinha lá da jinela.

Arguém cantava!... Era ela!...

Rasguei cum o quicé a corda
da igarité!... Imbarquei!...
Baxinho disse um segrêdo
prô rio!... E remei!... remei!...

Cada vez remava mais!

Só despois de munto tempo,
aparei... e ôiei prá trás!

A barraca inluminada,
cum a musga, que inda se uvia,
longe, longe... munto longe,
cumo uma istrêla... murria!

O céu, de todos os lado,
paricia uma tigela
cum o fundo azú imbórcádo,
todo ismartado de nôvo,
adonde a lua, tão bela,
ia boiando, amarela,
cumo uma gêma de ôvo!

Já trazia de viage
duas hora, bem puxada.

Lá, prás banda do Nacente,
entre as suas cumpanhêra,
n'outra festa inluarada,
sambava a mais feiticêra

das istrêla amorenada,
essa Maibí dos incréu!...
Essa cabôca do céu: —
— A istrêla da madrugada!

Entonce, peguei do remo,
rasguei as água do rio,
que, fazendo um arripio,
do sono d'água acordou.
Remei!... Remei!... Fui remando!...
E... não cheguei!... Foi somentes
a canôa que chegou!...

Neste sertão do Ciará,
onde naceu nossos pai,
filizmente, ninguém sabe
que coisa é terra que cái!...

Aquêle instrondo, de longe,
que lá na festa se uviu,
foi quando a terra, essa ingrata,
a minha terra adorada,
farciou!... tremeu!... caiu!

Os juaí, as bacabêra,
os coité, as laranjêra,
as moita de cacáuêro,
os verde ginipapêro,
os grande canarassú,
adonde tôdas as tarde
cantava um iapurú...
as fermosa mongubêra,
as mongubêra inda im frô...
a juruparipirêra,
que táva im frente da choça...
a criação... gado... roça...
tudo o rio me levou!

Mas, que isso, minha gente?!
Váíncês tudo ficou triste.
despois que a história acabou?!
Tristeza não dá vantage!
O que passou, já passou!

. . . .
. . . .

Deus, que um dia fêz o hôme,
pula sua santa image,
fêz o nosso coração,
cumo as frorésta bravia
das terra virge... sarvage!

Virge, im suas mataria!...
Sarvage, im sua grandeza!...
Mas porêm, que tem beleza
prá quem aprêcêia as coisa
mais grande da natureza!

Um dia, vem a muié!

A muié péga um terçado,
péga uma foice, um machado,
disgaia o mato fechado
das terra do coração!
E ao despois da derrubada,
despois do fogo — a quêmada —
a muié péga uma inxada,
cava a terra, bem cavada...
e samêia!... É a prantação!

Tudo quanto é frôração,
tôda a frô que a terra cria,
tudo nace, alí, n'um dia,
onde táva a mataria
no fundo do coração!

Se a muié sabe que é ingrata,
prá quê vai mexê nas mata
daqueles grande arvoredo,
e quêmá, cumo um brinquedo,
o mato virge, cerrado,
iscuro e sêmpe fechado,
adonde não tinha intrado
a luz do Só, que é o Amô!?

É prá despois, sem rezão,
derrubá prá tôda a vida
o jardim do coração,
sem um tiquinho de dô!

Maibí!... Maibí me inganou!!

O rio, n'uma treição,
o trabáio de seis ano,
as terra da prantação
im suas água levou!

Maibí!... Maibí me inganou!!

Bem feito! Fui castigado!
Foi praga da minha terra!
E praga de Deus inté!

Mas peço à Virge Maria,
que, cumo Muié divina
e Mãe de Jesus, perdôe
Maibí, que é tombêm muié!!

Tudo foi uma inluzão!

Do jardim que ela prantou
nas mata do coração,

só véve agora uma frô!...
Só a Sôdade tem vida!!!

E o que é, meu Deus, a Sôdade?!

Sôdade é a *Terra Caída*
de um coração, que sonhou!

Vocabulário

Axamurrado — atarracado.
Remunhetá — fazer piégas, sambando.
Capiongo — triste.
Currupiando — rodando, girando.
Copuassú — fruto desta árvore.
Quando se intona — quando se avermelha no arreból.
Irachué — espécie de sabiá.
Mururé — vegetação aquática.
Quixabeira — árvore, cujas flôres são muito cheirosas.
Uruiáuára — onça pequena.
De ripolêgo — achatada.
Trapiá — árvore silvestre.
Fazendo infuca — tentando.
Guarapiranga — árvore do Amazonas.
Cametaú — pássaro que canta de madrugada.
Quicé — faquinha.
Terçado — machado grande.
Piúm — mosquito noturno.
Carapanã — mosquito noturno.
Girimum — abóbora inxuta.
Fixe — seguro, certo.
Mamparriasse — descuidasse.
Imbaúba — planta nociva.
Jitirana — planta nociva
Caíva — planta nociva.
Taxizêro — planta nociva.
Cunhatã — cabocla.
Assuntá — pensar.
Ajuri — mutirão.
Massapês — terra fértil.
Curumim — caboclinho ou caboclinha.
Cauchêro — seringueiro.
Montaria — canôa.
Gaiola — vaporzinho.
Arupema — peneira.

Frô dos ipé — flor amarela, dessa árvore.

Temperando — afinando.

Abispei — avistei.

Canarana — canavial bravio das margens do rio.

Igaraté — pequena canôa.

Assacuzêro — árvore amazonense.

Caiçára — ruínas de um arvoredo.

Bacabeira — espécie de palmeira.

Iapurú — ave canora que, voando, leva sempre um bando de outra trás de si, para ouvi-la cantar.

Trovas

Ao meu grande amigo
JOSÉ BANDEIRA BRANDÃO

SE ME SORRIS, quando passas,
a minh'alma prasenteira
viçosa, fica sorrindo,
como a rosa na roseira.
Mas se passas, sem me olhares,
o meu coração, pequeno,
sente a mágoa de uma rosa,
pisada pelo sereno.

Quando te vejo, em meu peito
brota uma flor de impiedade
no lugar em que inda há pouco
soluçava uma saudade.
Mas se partes, se te ausentas,
voltam logo mais acesas
as borboletas da noite
das minhas velhas tristezas.

Os teus olhos de esmeralda
têm, nos brilhos singulares,
as seduções das florestas
e a verde atração dos mares.

Quando foges do meu lado,
minh'alma ansiosa te espera,

como a roseira, sem rosas,
a volta da primavera.

Se vejo as tuas roseiras
por essas manhãs cheirosas,
tenho a ilusão de estar vendo
um grande incêndio de rosas.

Aproximei-me do bosque
para ouvir os passarinhos
e os passarinhos, voando,
abandonaram seus ninhos.
Se tento ouvir das quimeras
os cantos, com que me iludo,
fogem tôdas, apressadas,
e o coração fica mudo.

Meu coração é uma fera,
é um leão esfomeado,
que, a rugir, vai devorando
o cadáver do Passado.

Do teu anel primoroso
a pedra viva, encarnada,
é um grande pingo de sangue
n'uma flor amorenada.

Pedi! Chamei por teu nome!
Tu te fizeste de mouca!
Dei-te um beijo, e então ficou-me
um mel de fogo na bôca.

Uma Vênus tão-sòmente
existe nos céus serenos
e em teu rosto alvinitente
vejo sempre duas Vênus.

Se a paixão deu-te um desgôsto,
tens uma cura ligeira:
procura, à tarde, ao sol pôsto,
a sombra da laranjeira.
Se n'alma sentes ciúmes,
com teus olhos rasos d'água,
o aroma da tua mágoa
mistura com os seus perfumes.
Mas, se êsse arbusto impiedoso
não te acolher complacente,
vai assentar-te, saudoso,
à beira de uma corrente.
Afina o teu instrumento,
serenamente sombrio,
canta e afoga o pensamento
nas águas fundas do rio.

No jardim, quando, formosa,
colheste a rosa amarela,
perguntando o cravo à rosa: —
Quem é? — Disse a rosa: *"É ela"*.
E o cravo, sem teu afago,
de tal maneira chocou-se,
que sôbre as águas de um lago,
desfolhado, suicidou-se.

Morto, eu peço-te esta esmola,
peço, em nome de Jesus,
que partindo esta viola,
faças d'ela a minha cruz.

Vive o homem doido e vário
por ter mais ouro na mão,
e eu seria um milionário,
se encontrasse um coração.

Quando suspiro a teu lado,
não julgues que é brincadeira,
pareço um mocho pousado
na rosa de uma roseira.

Se me volves do sobrado
um teu olhar divinal,
vejo um lírio debruçado
sôbre um verde pantanal.

Nestas campinas, agora,
a relva, cheirando a flor,
tudo, tudo, tudo chora!...
Se alguém canta, é a minha dor!!
Um sabiá doce e ameno
nos seios da tarde fria,
rorejado de sereno,
descanta uma Ave-Maria.

As tuas mãos candorosas
e o teu rosto, ó feiticeira,
parecem mesmo três rosas,
e tu — o hastil da roseira.

Trindade do coração,
em que minh'alma descansa,
é minha religião: —
amor, saudade e esperança.

Qualquer frase acerba e dura
que ela me atira, eu sorrio:
pois encerra tal doçura
que parece um elogio.

O cego implora, chorando,
um pouco de luz, de pão;

e eu vivo a ti mendigando
um farrapo de ilusão.

Tão cruel é minha sina
que eu vivo esta vida austera,
como uma flor na campina,
de luto na primavera.

Do inverno adoro os rigôres!...
Minh'alma, que nada espera,
nada tem que ver com as flôres,
nada tem com a primavera.

Porque em lugar de um poeta
não me fêz Deus um banqueiro?
Tu viverias repleta,
não de versos... de dinheiro.

Canto a tarde, o dia inteiro,
canto a noite de luar,
pois que a fama de violeiro
só Deus me pode tirar.
Neste sertão não respeito
nem viola nem cantador!
Comigo é preciso jeito!
Não podem com a minha dor!
Se vocês estão folgando,
é porque não sabem, não,
como o ciúme está sambando
cá dentro do coração.

Podem brincar à vontade,
ao som do canto dansar!...
Gosto de ver a saudade
lacrimejando a sambar!

Na tua branca janela,
bate o luar de marfim!
Eu quero crucificar-me
nas flôres do teu jardim.
Se és minha cruz, sou teu Cristo!
Hei de cumprir meu fadário!
Na tua branca janela
é onde está meu calvário.
No teu jardim tôda a noite
choro estas trovas fagueiras!...
Rezo nêle, como Cristo
no Jardim das Oliveiras.
No teu canteiro de rosas
tambem sinto maus odores!
Será talvez o cadáver
de um coração entre as flôres!?

"Quais são as côres do beijo?"
ela a mim me perguntou!
— Os teus — lhe disse — são verdes!
Maduros — os que eu te dou.

No meu livro de orações
guardo uma rosa sombria,
que das preces do meu livro
é a mais bela Ave-Maria.

A dor mandou que eu chorasse,
para alívio dos pesares,
mas já não tendo mais lágrimas,
estou chorando *cantares*.

Muita imagem lá na igreja
sorri, com um sorriso etéreo!
Mas quando sais lá da igreja,

a igreja fica tão triste
que parece um cemitério!

Não tenho mais uma lágrima
no cofre do peito meu!
Quantas pedras preciosas
o coração derreteu!

Quis contar a minha vida
das flôres à mais formosa,
mas de pronto arrependi-me...
fiquei com pena da rosa.

Tu partes hoje, querida!...
Muito a noite já chorou!
Para te dar os adeuses,
até o sol madrugou.

No luar dêste silêncio,
desta noite abençoada,
parece andar pelos ares
uma trova enfeitiçada.

Todo o azul do firmamento,
quando em meus olhos te miras,
corre doido em tuas veias,
como um bando de safiras.

Juntando os lábios à terra,
teu nome eu disse baixinho,
e quando o dia brotava,
brotou da terra um espinho.

No deserto do teu peito,
dia e noite perfumados,
se levantam, veludosos,
dois montes acaboclados.

Quando me negas um beijo,
sacodes os meus pesares,
como o vento das procelas
na branca areia das praias,
sacode a espuma dos mares.

O meu amor, que é de fogo,
não dá flôres entre o gêlo...
O coração das mulheres
é escasso para contê-lo.

Êsses teus olhos formosos
de um azul límpido e leve,
são como dois beija-flôres
num ninho feito de neve.

Tu remoças dia a dia,
e eu vivo mais alquebrado:
dá-me o beijo prometido,
para eu morrer descansado.

Quando passas pela estrada,
acendendo mil desejos,
atrás de ti vais deixando
um doce cheiro de beijos.

Tu queres crucificar-me?
Abre os braços! Forma a cruz!
Dá-me o fel que tens nos lábios!
Morrerei, como Jesus.

Quando passas pelas rosas,
soluçando os teus odores,
eu ouço os jardins rezando
um *Padre-Nosso* de flôres.

Saías ontem da igreja,
depois da missa acabar,
e eu gritei: — olha uma Santa,
fugindo do seu altar.

Eu tive um sonho esta noite,
que não me sái da lembrança:
sonhei que eu via a Saudade
chorando aos pés da Esperança!
Depois eu tive outro sonho
de oposta desigualdade:
sonhei que eu via a Esperança,
chorando aos pés da Saudade!!

Não há maior desventura
neste mundo desgraçado,
que ver um bardo, um poeta,
por uma mulher formosa
de véras apaixonado.
Mas não há coisa mais bela,
para quem é sonhador,
do que vê-lo inebriado
pelo *sorrir* de uma flor.

Prefiro a Dor ao Prazer,
por esta razão sòmente:
todo o Prazer vai-se embora,
tôda a Dor fica com a gente.

Não há nada neste mundo
que mais me possa inspirar
que um cemitério de noite,
sonhando à luz do luar.

Quando mais com uma ferida
tu me *feres*... eu não choro!

É mais uma bôca aberta,
para eu dizer que te adoro.

Tu és feia, mas contudo,
vejo em ti muita poesia:
se teu rosto é um lírio murcho
tua alma é uma *Ave-Maria.*

A Primavera é tão boa,
preza tanto as nossas dores,
que até mesmo o cemitério
enfeita todo de flôres.

Tu bem sabes toda a história
dêste amor, hoje desfeito:
nasceu dentro de minh'alma
e sepultou-se em teu peito.

Quem dormir sôbre teu peito
uma noite bem dormida,
há de acordar no outro dia
com a ilusão apodrecida.

Meu ideal era ver-te,
formosa, como tu és,
amando a todos os homens
e êles todos a teus pés.

Tens tanta flor na janela,
que parece um jardim parece;
no entanto, só quando chegas,
é que a janela floresce.

"Que flor tu querias ser",
se um dia me perguntasses,
— um *mal-me-quer* — eu diria,
para que me desfolhasses.

Para mim, a maior glória,
mais sublime e ambicionada,
era eu ser a sepultura
onde fôsses enterrada.

Sou como a flor. E os brilhantes
que trazes, de alto valor,
não são pingos de sereno,
que mata a sede da flor!

OBRAS DE

CATULO CEARENSE

MEU SERTÃO

SERTÃO EM FLOR

POEMAS BRAVIOS

MATA ILUMINADA

A CASA DO LIVRO LTDA.
Rua da Quitanda, 27
Rio de Janeiro